



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Arquitectura e Paisagem

Rio Zêzere como inspiração para um percurso termal

Emanuel José de Freitas

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitectura
(Ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutora Ana Rita Martins Ochoa de Castro
Co-orientador: Prof. Doutor Luís Manuel Ferreira Gomes

Covilhã, Outubro de 2014

Agradecimentos

Em primeiro lugar, começo por deixar um sincero agradecimento à minha orientadora e agora amiga Professora Doutora Ana Rita Martins Ochoa de Castro, por todo o apoio, dedicação, paciência, amabilidade e confiança transmitidos ao longo deste trabalho.

Agradeço ao Professor Luís Manuel Ferreira Gomes, meu co-orientador, pelo suporte e pela disponibilidade no fornecimento de informação sem a qual teria sido impossível realizar este trabalho.

Aos meus amigos de longa data, Hugo, Carlos, André, Ricardo, Miguel, Gonçalo, Zé Augusto e Ismael, que ao longo da nossa amizade sempre me acompanharam e me apoiaram em tudo.

A todos aqueles que sabem que os apelido de amigos, descobertos na U.B.I, em especial ao Henrique, ao Moura, ao Tiago Ribeiro, ao Horácio, ao Carlitos, ao Tiago Lourenço e ao Artur, agradeço o companheirismo, respeito e amizade para sempre demonstrados.

À minha família, que desde o início até ao fim estiveram a meu lado, apoiando-me com todos os recursos disponíveis.

À Eliana, agradeço tudo. Pela cumplicidade, ajuda incansável e suporte nos momentos mais difíceis, sem a qual este trabalho não teria sido possível realizar.

Por fim, em registo especial, quero agradecer aos melhores pais do mundo, que sobre todas as dificuldades e adversidades da vida, nunca deixaram de depositar toda a confiança em mim.

Resumo

A presente dissertação centra-se no tema “Arquitectura e Termalismo” e propõe uma intervenção na área envolvente ao Vale do Covão d´Ametade, na Serra da Estrela. Abordar o tema do Termalismo implica conhecer as diversas actividades que este engloba e perceber o seu desenvolvimento socioeconómico e que tipo de factores pode influenciar, em particular, o Turismo. Torna-se igualmente essencial observar o desenvolvimento do termalismo ao longo das últimas décadas e compreender as suas especificidades programáticas e em termos arquitectónicos.

Com o passar dos anos, verifica-se a realização de cada vez mais projectos de recuperação de Balneários Termais já existentes, como também a construção de edifícios de raiz, pouco se explorando outro tipo de soluções termais, para além destas. Por este motivo, propõe-se a criação de uma tipologia menos abordada no nosso país: um Percurso Termal, a localizar num local de grande beleza paisagística, o Vale do Covão d´Ametade, nas margens do rio Zêzere, na Serra da Estrela.

Este percurso irá ser composto por um variado conjunto de elementos destinados ao termalismo de bem-estar (massagem, sauna, banho turco e também piscinas ao ar livre), onde se poderão realizar tratamentos revitalizantes, anti-stress ou até de beleza e estética, através das propriedades da água mineral ali existente. Água esta proveniente do interior da Serra da Estrela e que se caracteriza por ser fracamente mineralizada, geoquimicamente sulfúrea e bicarbonatada sódica, podendo atingir os 38°C.

Na medida em que o Termalismo se tem revelado cada vez mais essencial no plano do turismo em Portugal e de forma a revitalizar a área de intervenção no contexto da Serra da Estrela, pensando na sustentabilidade e no investimento aqui necessários, propõe-se também, para além dos necessários equipamentos de apoio ao percurso termal, a criação de um pequeno núcleo de alojamentos temporários.

Palavras-chave

Arquitectura e Paisagem; Termalismo; Percurso termal; Turismo; Serra da Estrela.

Abstract

The present dissertation focuses on the theme "Architecture and Thermalism" and proposes an intervention in the area surrounding the Covão d'Ametade Valley, at Serra da Estrela. Address the subject of Thermalism implies knowing their different activities and realizes their socio-economic development and what kind of factors might influence, in particular tourism. It is also essential to observe the development of Thermalism over the past decades and understand his programmatic and architectural specificities.

Over the years, there has been increasingly performing recovery of existing, Thermal Spas projects as well as the construction of buildings from scratch, exploring less other types of thermal solutions, in addition to these. For this reason, it is proposed to create a typology least addressed in our country: a Thermal Path, locating in a place of great beauty, the Covão d'Ametade Valley, on the banks of the Zêzere river at Serra da Estrela.

This route will be a varied set of elements destined for Thermalism Wellness (massage, sauna, turkish bath and also outdoor pools), which may be held revitalizing treatments, anti-stress or even beauty, through the existing mineral properties over there. This water from the interior of Serra da Estrela is characterized by being weakly mineralized, sodium bicarbonate and geochemically sulphurous, reaching up to 38 ° C.

To the extent that the Thermalism is proving increasingly essential in terms of tourism in Portugal and to revitalize the area of intervention within the context of Serra da Estrela, thinking on sustainability and investment needed here, It is furthermore proposed, to beyond the equipment needed to support the thermal route, the creation of a small core of temporary accommodation.

Keywords

Architecture and Landscape; Thermalism; Thermal route; Tourism; Serra da Estrela.

Índice

| | |
|---|----|
| 1. Introdução..... | 1 |
| 1.1. Objetivos..... | 1 |
| 1.2. Metodologia..... | 2 |
| 1.3. Resultados esperados..... | 3 |
| 1.4. Estrutura da dissertação..... | 3 |
| 2. Turismo e Termalismo..... | 5 |
| 2.1 Turismo..... | 6 |
| 2.2 Termalismo..... | 8 |
| 3. Arquitectura e termalismo..... | 10 |
| 3.1. Evolução e caracterização das tipologias arquitetónicas termais em Portugal..... | 11 |
| 3.1.1. O Balneário termal..... | 15 |
| 3.1.2. A relação com a paisagem na arquitectura termal..... | 16 |
| 3.1.3. As unidades de alojamento..... | 19 |
| 3.2. O percurso na arquitectura termal..... | 22 |
| 3.2.1. Termas geométricas de Pucón..... | 24 |
| 3.2.2. Termas de Puritama..... | 26 |
| 3.2.3. Termas de Vals..... | 28 |
| 4. Análise do Vale do Covão d´Ametade..... | 29 |
| 4.1. O lugar..... | 30 |
| 4.2 Descrição da proposta..... | 34 |
| 4.2.1. Definição do programa termal..... | 34 |
| 4.2.2. Relação com o lugar..... | 37 |
| 4.2.3. Opções construtivas e especificidades do projeto..... | 39 |
| 5. Conclusões..... | 40 |
| 6. Bibliografia..... | 43 |
| 7. Projeto das termas do Covão d´Ametade (Peças desenhadas)..... | 45 |

| | |
|--|----|
| b) Projeto de Casino de José Pacheco (1907) | 20 |
| Fonte: Mangorrinha e Pinto, 2009 | |
| Figura 13 - Termas de Vidago, Siza Vieira | 21 |
| Fonte: http://www.termasdeportugal.pt | |
| Figura 14 - a) Ponte pedonal na Covilhã, Carrilho da Graça | 23 |
| Fonte: Fotografia do autor, 2012 | |
| b) Ponte pedonal sobre o esteiro de S. Pedro, Carrilho da Graça | 23 |
| Fonte: http://www.geocaching.com | |
| Figura 15 - Termas geométricas de Pucón, German del Sol | 24 |
| Fonte: http://www.archdaily.com | |
| Figura 16 -Percurso pedonal das termas de Pucón | 25 |
| Fonte: http://www.archdaily.com | |
| Figura 17 - Termas geométricas de Pucón, Planta de implantação | 25 |
| Fonte: http://www.archdaily.com | |
| Figura 18 - Termas de Puritama, German del Sol | 26 |
| Fonte: http://www.archdaily.com | |
| Figura 19 - Percurso pedonal das termas de Puritama | 27 |
| Fonte: http://www.archdaily.com | |
| Figura 20 - Termas de Puritama, Planta de implantação | 27 |
| Fonte: http://www.archdaily.com | |
| Figura 21 - Termas de Vals, Peter Zumthor | 28 |
| Fonte: http://www.archdaily.com | |
| Figura 22 - Termas de Vals, Percurso interior do Balneário | 29 |
| Fonte: http://www.archdaily.com | |
| Figura 23 - Termas de Vals, Planta do piso térreo e esquema | 29 |
| Fonte: http://www.archdaily.com | |
| Figura 24 - Esquício da proposta | 30 |
| Fonte: Desenho elaborado pelo autor | |
| Figura 25 - a) Localização de Manteigas, mapa de Portugal | 31 |
| Fonte: Fotografia do autor, 2014 | |
| b) Vista para o Vale glaciário da Serra da Estrela | 31 |
| Fonte: Fotografia do autor, 2014 | |

| | |
|--|----|
| Figura 26 - Vale do Covão d´Ametade | 33 |
| Fonte: Fotografia do autor, 2014 | |
| Figura 27 - a) Vista da entrada do vale | 33 |
| Fonte: Fotografia do autor, 2014 | |
| b) Edificação existente na área de implantação | 33 |
| Fonte: Fotografia do autor, 2014 | |
| Figura 28 - Esquema da implantação geral | 35 |
| Fonte: Desenho elaborado pelo autor | |
| Figura 29 - Programa termal | 37 |
| Fonte: Programa elaborado pelo autor | |
| Figura 30 - Esquema de orientação das unidades hoteleiras | 38 |
| Fonte: Desenho elaborado pelo autor | |
| Figura 31 - Agrupamento de elementos das unidades hoteleiras | 38 |
| Fonte: Desenho elaborado pelo autor | |
| Figura 32 - Esquema de orientação do percurso termal | 39 |
| Fonte: Desenho elaborado pelo autor | |
| Figura 33 - Agrupamento de elementos do percurso termal | 39 |
| Fonte: Desenho elaborado pelo autor | |
| Figura 34 - Esquiço da proposta construtiva | 40 |
| Fonte: Desenho elaborado pelo autor | |
| Figura 35 - Rio Zêzere, Vista dentro do Vale | 41 |
| Fonte: Fotografia do autor | |



1. Introdução

Abordar o termalismo é, porventura, falar de um tipo de atividade que tem sofrido grandes alterações ao longo dos últimos séculos. O Homem foi conhecendo os vários benefícios que as águas podem fornecer, através da sua variedade de banhos e tratamentos, embora as suas verdadeiras virtudes sejam conhecidas bem mais recentemente, fruto da constante evolução medicinal. Assim sendo, este longo caminho, contribuiu para a descoberta de fontes, na variedade das suas formas de captação e utilização, a nível lúdico e medicinal.

Na atualidade, devido à sua expansão mundial e exploração económica, o termalismo tem-se tornado num factor de atração turística e, por isso mesmo, tem sido abordado de uma forma transversal, ou seja, não se resumindo apenas à sua vertente medicinal, mas também associado uma componente lúdica e de bem-estar.

Partindo destes pressupostos, a presente dissertação consiste na recuperação do parque de lazer do Covão d`Ametade, através da criação de percurso termal, ao longo nas margens do rio Zêzere. Numa região muito caracterizada pela sua beleza paisagística natural mas também pelo pouco desenvolvimento económico, o termalismo poderá desempenhar um papel essencial na recuperação desta zona interior de Portugal, através do desenvolvimento local e da atração turística.

1.1. Objetivos

O objetivo geral deste trabalho consiste, antes de mais, na exploração de uma solução arquitectónica menos usual, o Percurso Termal. Este será composto por um conjunto de elementos relativos à actividade termal, mas dispostos de forma a privilegiar o usufruto da natureza, no local escolhido, nas margens do Rio Zêzere, em Covão D`Ametade, na Serra da Estrela. Paralelamente, colocam-se os seguintes objectivos:

1. Apresentar os principais conceitos de turismo e termalismo, relacionando-os entre si;
2. Analisar o desenvolvimento das tipologias termais em Portugal;
3. Identificar e analisar a importância do percurso na arquitetura, com base na análise de alguns projetos de carácter termal que sejam relevantes pelas estratégias adoptadas;
4. Com base numa análise prévia da área de intervenção, elaborar uma proposta para um Percurso Termal com alojamentos, restauração e área de estacionamento em Covão d`Ametade, na Serra da Estrela.

1.2. Metodologia

De forma a cumprir os objetivos anteriormente enumerados, esta dissertação de mestrado contempla duas partes fundamentais, uma primeira de cariz teórico, que suporta a segunda, onde é apresentado o projeto prático. Estes dois trabalhos foram desenvolvidos em paralelo, com o objetivo de aplicar os conhecimentos assimilados durante o estudo conceptual da temática.

Assim sendo, a metodologia adoptada consistiu nas seguintes etapas:

1. Desenvolvimento do corpo teórico da dissertação:

- a) Análise, compilação e tratamento de informação, bem como pesquisas através da leitura de publicações diversas, tais como dissertações, teses, livros, revistas e projetos;
- b) Elaboração de uma contextualização teórica/temática, através da análise e comparação de conceitos relativos ao tema a desenvolver;
- c) Elaboração de estudos baseados em casos construídos, de forma a enriquecer a componente de estudo e a aprendizagem da dissertação.

2. Recolha de informação *in situ*:

- a) Observação direta e participativa no local a intervir;
- b) Elaboração de elementos fotográficos, desenhos e esboços, de forma a ter uma melhor percepção do local;
- c) Confrontação com os elementos cartográficos e topográficos disponíveis.

3. Desenvolvimento do corpo prático da dissertação:

- a) Levantamento de elementos cartográficos e topográficos do local a intervir;
- b) Análise da área de intervenção: diagnóstico dos problemas e potencialidades e confrontação com os instrumentos de gestão territorial em vigor;
- c) Elaboração de maquetes de estudo e desenvolvimento do respetivo conceito.

1.3. Resultados esperados

A presente dissertação pretende ser um contributo para recuperar e reabilitar o Covão D´Ametade, área de grande beleza e que carece actualmente de uma melhoria das suas infraestruturas, através da elaboração da proposta anteriormente explicitada.

Nesta proposta, pretende-se também elaborar uma estratégia alternativa ao tradicional Balneário Termal, ou seja, deixando de parte as típicas zonas de água, onde os banhos e a actividade termal acontecem em compartimentos fechados e promover o percurso pedonal no termalismo, numa mais próxima interação com a natureza. Pretende-se ainda que a proposta seja de relevância tal, que justifique uma posterior apresentação à Câmara Municipal da Manteigas, com a intenção de servir como ponto de partida para uma possível intervenção.

1.4. Estrutura da dissertação

Após uma exposição inicial dos problemas, a presente dissertação encontra-se dividida em duas partes, uma primeira de cariz teórico (Cap. 2 e 3) e uma parte prática, onde é enquadrado e apresentado o projeto (Cap. 4).

Por sua vez, a parte teórica divide-se em três momentos essenciais de reflexão:

1) um primeiro momento, de enquadramento ao tema a desenvolver (Cap. 2 - Turismo e Termalismo), baseado em autores que abordam os conceitos de Turismo e Termalismo, tais como Ferreira (2003), Boyer (2005), Ramos (2005), Cunha (2010) e ainda Pato (2012);

2) um segundo momento, acerca da evolução dos equipamentos e das tipologias arquitectónicas termais em Portugal (Capítulo 3.1 - Evolução e caracterização das tipologias arquitectónicas termais em Portugal), para o qual foi fundamental a análise da publicação *O desenho das termas - História da arquitetura termal*, de Mangorrinha e Pinto (2009), que aborda com grande rigor a evolução da arquitetura termal em Portugal, através da análise de uma grande diversidade de edifícios e equipamentos termais;

3) um terceiro momento, sobre a tipologia de percurso pedonal na arquitetura, juntamente com a análise de três casos estudo de projetos de carácter termal (Capítulo 3.2 - O percurso na arquitetura termal). Este último momento de reflexão, baseou-se em grande medida nas publicações *Projetar e construir com acessibilidade*, de Falorca (2008) e *Mobilidade pedonal no espaço público*, de Gil (2009). Foram ainda de grande importância as abordagens dos arquitetos Zumthor (1996) e German del Sol (2000).

A parte de enquadramento do Projeto contempla duas abordagens fundamentais: 1) uma primeira abordagem (Capítulo 4.1 - Caracterização do lugar), onde se analisam todos os problemas e potencialidades do local; 2) uma segunda abordagem (Capítulo 4.2 - Descrição da proposta), que descreve todo o projeto do Percurso termal do Covão d'Ametade.

Finalmente, são apresentadas Conclusões.

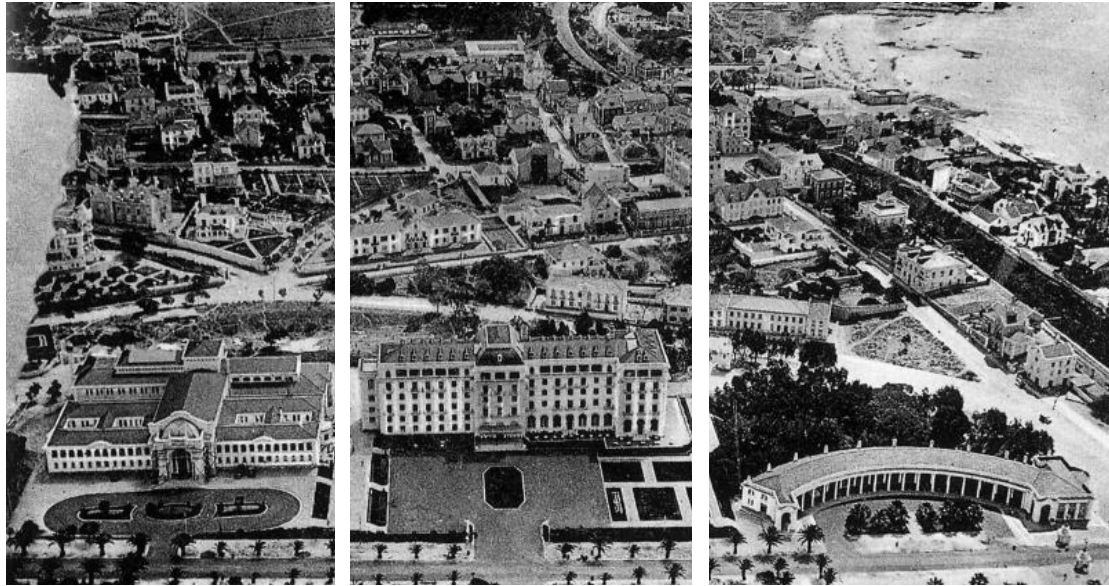


Figura 1 - Vilegiaturas, termas do Estoril • (<http://www.umgrandehotel.blogspot.pt>)

2. Turismo e Termalismo

2.1. Turismo

“voyageurs qui ne parcourent des pays étrangers que par curiosité et par désœuvrement, qui font une espèce de tournée dans des pays habituellement visités para leurs compatriots. Se dit surtout des voyageurs anglais en France, en Suisse et en Italie” (Dictionnaire Littré, 1873).

O conceito de Turismo não apresenta uma definição consensual e universal, pelo que se procura apresentar e analisar a sua evolução conceptual ao longo da sua existência, até aos paradigmas actuais.

De acordo com Ramos (2005), o termo “Turista” surgiu primeiramente como sinónimo de viajante, sendo mais tarde popularizado por Stendhal, em 1883, com a publicação da obra *Mémoires d`un touriste*. Nessa época, o turismo apenas dizia respeito a um pequeno número de aristocratas ingleses que, no final do seu período de formação, partiam para o denominado *Grand Tour*.

Na acepção de Morgenroth (1930), “Turismo” era o tráfego de pessoas que se afastam temporariamente do seu lugar fixo de residência para outro lugar, com o objetivo de satisfazer as suas necessidades vitais e de cultura, ou para levar a cabo desejos de diversa índole, como consumidores de bens económicos e culturais.

É durante o século XVI que se afirmam os primeiros grandes fluxos turísticos, devido ao grande desenvolvimento económico que se fez sentir nessa época, traduzindo-se também na necessidade de criar novos contactos, na criação de novas vias de comunicação e na melhoria de sistemas de organização e segurança.

Este tipo de viagens vulgarizou-se entre a aristocracia, em meados do século XVII evidenciava uma duração de uns meses a dois anos e destinava-se essencialmente a regiões como Paris, em França, Florença, Roma e Milão em Itália, e Colónia e Munique na Alemanha. Outra categoria de viagens, para além destas, eram as “*vilegiaturas*”. Inicialmente associadas às Vilas de Águas, onde o comércio e o turismo partia essencialmente das águas termais, expandiram-se mais tarde, para as estâncias balneares, às quais afluíam as elites que procuravam cuidados de saúde e beleza, mas também mostravam apetências pelas estações montanhosas e pelos climas campestres, pelo que passar uma parte do ano desfrutando de grande ociosidade, distinguia as classes burguesas, sobretudo britânicas, condenadas a viver na atmosfera poluída e fumarenta das suas manufacturas (Boyer, 2005). Surgia assim uma nova arte de ser *turista*, onde o desporto e a descoberta do corpo e de prazeres saudáveis, que se reatam, são de origem rural.

Este relaxamento e lazer, tão procurado nas horas livres e nos tempos de férias, expandiu-se grandemente nas estâncias termais no século XVIII, tais como as termas de Bath, Turnbridge e Walls, na Grã-Bretanha, Aix-les-Bains e Vichy, na França, Baden-Baden e Baden Kissingen, na

Alemanha. Toda a beleza e grandiosidade arquitectónica destes espaços, associada ao nível social e económico dos seus frequentadores mais assíduos fizeram destes locais de lazer e turismo privilegiados, onde reinava o luxo e o *glamour* (Ferreira, 2003).

Inicialmente pretendidas por uma aristocracia poderosa, as estâncias termais vão ser posteriormente procuradas, devido às alterações que a Europa Ocidental e Central sofriam nessa altura, por uma clientela enriquecida a partir do comércio nacional e internacional, bem como devido à actividade industrial, cujo o lucro lhes permitia o acesso a estes lugares de relaxamento e revitalização.

Ao longo do séc. XIX, os europeus passaram a viajar para África e América. Observa-se que neste período houve um processo de massificação do turismo, ou seja, as viagens tornavam-se mais acessíveis para o segmento da classe média da população (Badaró, 2004).

O número de turistas começa a aumentar e a prática do turismo transforma-se numa herança das *vilegiaturas*, por uma clientela de aristocracia europeia. Até que, durante o século XX, o turismo chega às classes médias dos países mais desenvolvidos e posteriormente às classes populares.

O período de prosperidade do turismo, na década de 70, causou enormes danos socioeconómicos, tais como o aumento da disparidade entre os países desenvolvidos e os em desenvolvimento. Aqui surgiram as primeiras discussões sobre o impacto ecológico do turismo, e com elas surgiu também a necessidade de preservar e cuidar dos recursos que o turismo necessitava.

Actualmente, o mercado turístico assistiu ao aumento da procura de destinos ecologicamente mais responsáveis e sustentáveis. Esta procura surge então como resposta aos elevados custos sociais e ambientais que o turismo de massas implicava. Hoje, os turistas são mais experientes e informados, o que os torna também mais exigentes e atentos à relação qualidade/preço. Com o aumento dos destinos e o conseqüente aumento da competitividade, os agentes turísticos sentir-se-ão obrigados a adoptar modelos de gestão assentes na procura da qualidade e na exploração de produtos mais sofisticados (Pato, 2012).

Assim sendo, apesar de ser difícil definir uma noção concreta de turismo, podemos concluir que qualquer pessoa ou indivíduo que se desloca do seu domicílio para uma outra zona em tempo de não-trabalho para exercer funções não remuneradas é considerado turista. Mas, hoje em dia, existem outro tipo de noções relacionadas com o turismo. Por exemplo, um indivíduo que se desloque com a finalidade de realizar negócios, é denominado um *turista de negócios*.

Pela mesma razão, podemos associar o termo *turista de saúde* àqueles que procuram os tratamentos de cura ou prevenção, destinados a completar todo o processo de reconstituição física e psíquica, podendo também ser denominados de *termalistas*, pois são frequentadores e utilizadores dos estabelecimentos termais.

2.2. Termalismo

Pode-se definir “Termalismo” como o conjunto de todos os meios medicinais, sociais, sanitários, administrativos e de acolhimento, devidamente estruturados, com vista à utilização para fins terapêuticos das águas minerais, de gás termal e de lamas (Ramos, 2005). O Termalismo implica, desde logo, a indicação e utilização de uma água termal com virtudes curativas reconhecidas pela classe médica, através dos seus efeitos químicos térmicos e mecânicos.

Temos verificado uma constante progressão deste conceito, devido sobretudo à evolução do tipo de mercado que lhe corresponde. O Termalismo tem sido abordado, mais concretamente, nos últimos vinte anos, de uma forma transversal, não se resumindo apenas à vertente medicinal, mas também associada uma parte lúdica e de bem-estar. Não obstante, o seu elemento essencial é a água e desta nunca se poderá prescindir.

O Termalismo surgiu inicialmente sobre a forma de espaços simples para banhos com fins terapêuticos, mas, rapidamente, estes começaram a ganhar outro tipo de materializações, através da introdução de noções como o descanso, lazer, higiene pessoal e pública, a beleza e a expressão de saúde corporal. Assim sendo, foi desenvolvida uma variedade de novos conceitos acerca do termalismo, que vão variando em função do local e o tipo de equipamento a utilizar. Baseados em Ramos (2005), podemos dividir este tipo de actividade em três domínios:

1. O domínio TERAPÊUTICO e MEDICINAL, que, por sua vez, compreende:

A Reeducação funcional, que apenas dispensa os cuidados médicos, em situações pós-traumáticas;

O Termalismo, profundamente ancorado no domínio medicinal;

A Balneoterapia, incluída no meio hospitalar, inserida na sua totalidade no sector medicinal e/ou terapêutico.

2. O domínio PREVENÇÃO/BEM ESTAR, que compreende:

A Talassoterapia, que se encontra inteiramente voltada para o bem-estar e para a prevenção, resumindo-se apenas uma pequena parte a fins terapêuticos;

A Balneofarma, que funciona em estabelecimentos especialmente destinados para a prática do *fitness*, normalmente com o uso da água corrente, podendo, no entanto, ser igualmente utilizada a água termal.

3. O domínio LAZER, que compreende uma grande diversidade de práticas, nomeadamente:

A *Talassoterapia*, sob eventual vigilância médica, de meios preventivos e curativos dos benefícios do meio aquático com água do mar, de lamas marinhas, das algas, areias e outras substâncias extraídas do mar. Este tipo de actividade termal desenvolve-se unicamente à beira-mar;

A *Balneoterapia*, no âmbito do termalismo, corresponde ao uso de águas para fins terapêuticos. Aqui, a água tem necessariamente que ser mineral natural. A *balneoterapia* medicinal é aplicada apenas em estruturas específicas, as estâncias termais, onde a água termal (água mineral natural) apresenta ser uma mais-valia para a prática deste tipo de actividades. Por outro lado, a *Balneoterapia* não medicinal pode ser praticada numa grande variedade de instalações e pode apresentar-se sob diferentes práticas ou modalidades: a) o Percurso aquático de carácter lúdico; b) a Hidroginástica, fitness; c) a Sauna; d) os Banhos quentes;

O *Termoludismo*, termo muito utilizado em França e na Suíça, que corresponde à utilização da água termal para fins lúdicos e recreativos. Pratica-se essencialmente em lugares ou espaços *termolúdicos* de grande envergadura, com fins predominantemente curativos e preventivos;

O *Talaludismo*, que se assemelha com o *Termoludismo*, no que diz respeito às actividades de lazer e recreativas, praticadas em meio marinho, com a utilização da água do mar;

Os *Spas*, são pequenas unidades estruturais onde são realizados cuidados específicos, muito relacionados com o *termalismo*, com a *talassoterapia* e com a *balneoterapia*, tais como massagens, vapores e os tratamentos de relaxamento. Porém, também utilizam meios auxiliares como aromas, óleos ,algas, etc. Estes podem conter outro tipo de equipamentos como saunas, salas de relaxamento ou jacúzis. Os *Spa(s)* podem apresentar-se sob diversas formas: a) integrados em complexos hoteleiros; b) em estações termais; c) em estações de desportos de inverno; d) em espaços urbanos.



Figura 2 - Caldas do Geres, Conjunto Habitacional e de Poços • (Mangorrinha e Pinto, 2009)

3. Arquitetura e Termalismo

3.1. Evolução e caracterização das tipologias arquitectónicas termais em Portugal

“O aproveitamento da água para efeitos medicinais e a sua exploração económica, através dos tempos, têm sido factores importantes de desenvolvimento das estâncias termais e de afirmação e perenidade da Cultura Termal Europeia” (Mangorrinha e Pinto, 2009: p.70).

Na construção das estâncias termais em Portugal, o território serviu de base para a organização de todos os elementos que constituem este microcosmo e no qual o balneário funciona como elemento gerador. Adaptados à topografia do local, apesar de possuírem a sua própria presença e evidência, foi a relação com a Natureza que fez a nascer esta essência balnear (Mangorrinha e Pinto, 2009). Em muitos casos, o crescimento das estâncias deu-se pela sobreposição a estruturas antigas, em muitos casos provenientes da ocupação romana. Mesmo nos casos em que as estâncias foram estruturadas a partir do nada, estas aparecem também associadas a um tipo de arquitetura tradicional e primária, como é o caso das Caldas de Monção e das Termas do Bicanho (Figura 3).

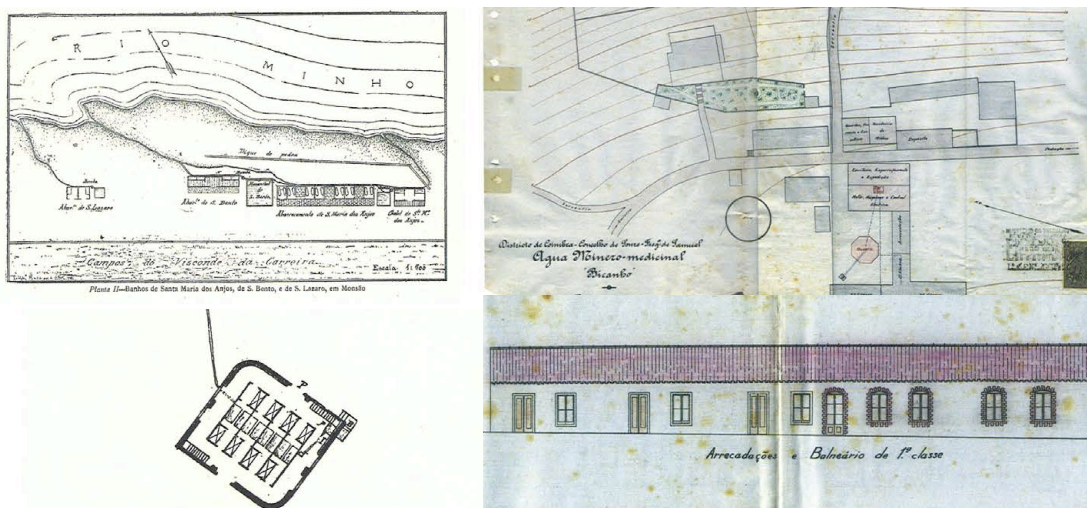


Figura 3 - a) Caldas de Monção, Implantação; b) Termas do Bicanho, Implantação e Alçado · (Mangorrinha e Pinto, 2009)

Alguns balneários foram inicialmente construídos através de uma arquitetura simples, como se fossem pequenas casas de habitação, através de técnicas e matérias de construção de cada região. Construídas pelos construtores e artesãos locais, seguiam o carácter e os estilos particulares: uma casa, de planta quadrangular ou rectangular, um corredor central que divide os quartos dos banhos e de duche, uma sala para a recepção, latrinas (na zona mais afastada da entrada) e, numa variante mais pensada, uma sala de descanso e a sala do médico. O corredor largo podia ser apropriado para área de espera para aquistas e funcionários. A maioria das

janelas eram abertas para os compartimentos do banho, contribuindo para a iluminação e arejamento. Em vários casos, as molduras de janelas e portas, eram compostas por cantaria lavrada e aparelhada.

Como exemplo, em 1895, nas Caldas das Murtas, após a demolição de um barracão devoluto, foi construído um pequeno balneário composto por um piso térreo e um telhado de quatro águas. Este continha cinco banheiras forradas em azulejo para a 1ª classe e quatro em lousa para a 2ª classe, uma sala de duches e outra de pulverizações. Nesta época, ainda se distinguiam os aquistas com maior poder financeiro dos com menor, devido ao receio de contágios e doenças. Já em 1951, na ilha de S. Miguel, foi projetado um pequeno balneário que assentava numa planta quadrada constituída apenas por uma área de entrada com buvette, comunicando com duas compartições de banho.

Muitos destes locais, apesar de terem balneários recatados e oferecerem diferenciação de classes de utilizadores, quase sempre até três classes, não ofereciam unidades hoteleiras como apoio ao Balneário, como é o caso dos Balneários de Bicanho e de Manteigas. Outros utilizavam um piso superior do balneário para alojamento, como em Aregos, nos banhos de Azenha (Figura 4), em Fadagosa de Marvão e em S. Pedro da Torre. Este tipo de situações representa uma arquitetura de baixo custo, representando a factual técnica construtiva disponível, tendo como referência uma tradição local e sabedoria popular.

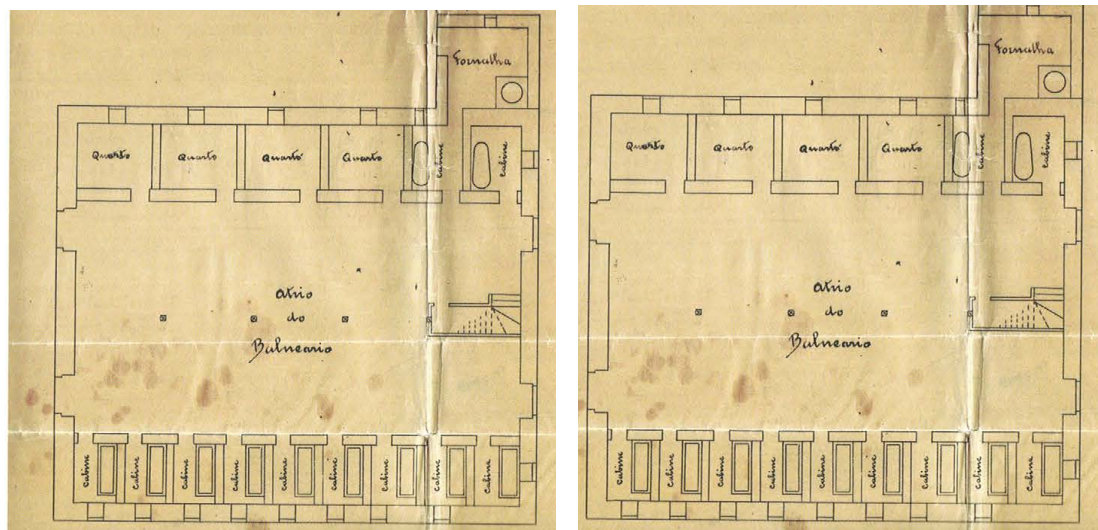


Figura 4 - a) Banhos de Azenha, Planta Rés-do-Chão; b) Banhos de Azenha, Planta do 1º Andar (Mangorrinha e Pinto, 2009)

Não obstante as mudanças que os edifícios termais vão sofrendo ao longo dos tempos, a sua estrutura básica mantém-se (Mangorrinha e Pinto, 2009). Uma ordem elementar, constituída por corredores, filas de quartos para os banhos e um espaço de carácter representativo, permite transformações sem alterar duas condicionantes presentes em quase todos os balneários durante o século XIX: o favorecimento da separação dos sexos e a imposição da separação por classes. Alguns pisos foram criados com um ligeiro declive, de forma a melhorar

o escoamento das águas e, por questões de higiene, decoração e durabilidade, nos compartimentos de banhos passam a ser colocados revestimentos cerâmicos em detrimento da pintura e dos pavimentos em mosaico. Dentro do Balneário Termal, o quarto de banho ou espaço de água era o reflexo das boas instalações termais. Era o espaço mais reservado do balneário, onde as águas cumpram todas as suas funções curativas e regeneradoras. Com o passar dos tempos, o quarto de banho foi ganhando proporções mais generosas. Por exemplo, no balneário de Monfortinho, inicialmente, esse quarto tinha 2,35 metros de largura por 1,65 metros de comprimento, passando posteriormente a ter 2,5 metros de comprimento.

Efectivamente, à medida que se experimentam novas técnicas hidroterápicas, vão nascendo novas salas de tratamento especializadas. Especialmente nos balneários pequenos, onde estas salas se agrupam num único espaço que contém duches circulares, de massagem e chuva, são criadas salas comuns para duches locais e salas privadas para banhos de assento e enteroclises. Como os compartimentos do banho, “estas salas de duches são áreas de estrutura mais simples, onde o sistema de arejamento e ventilação devia funcionar com grande precisão para evitar um excesso de humidade e vapor” (Mangorrinha e Pinto, 2009: 74). Os revestimentos representam um papel fundamental na arquitetura termal, para evitar o excesso de humidade nas paredes. Frequentemente, era prática a utilização de um segundo pavimento com estrados de madeira para tornar mais confortável a permanência do aquista durante o seu tratamento. Todas estas divisões e compartimentos do Balneário Termal, onde o aquista cria relação com a água, sofreram um processo evolutivo, a nível técnico, funcional e estético. Antes do século XIX, o contacto com a água era realizado por via da ingestão, imersão e ablução. Mas com a gradual especialização dos tratamentos e a separação física dos sujeitos, decorrente da evolução dos conhecimentos médicos, foi disponibilizado ao aquista um novo conjunto de aplicações tais como banhos de imersão e localizados, duches, inalações, pulverizações e piscinas de natação (Figuras 5).

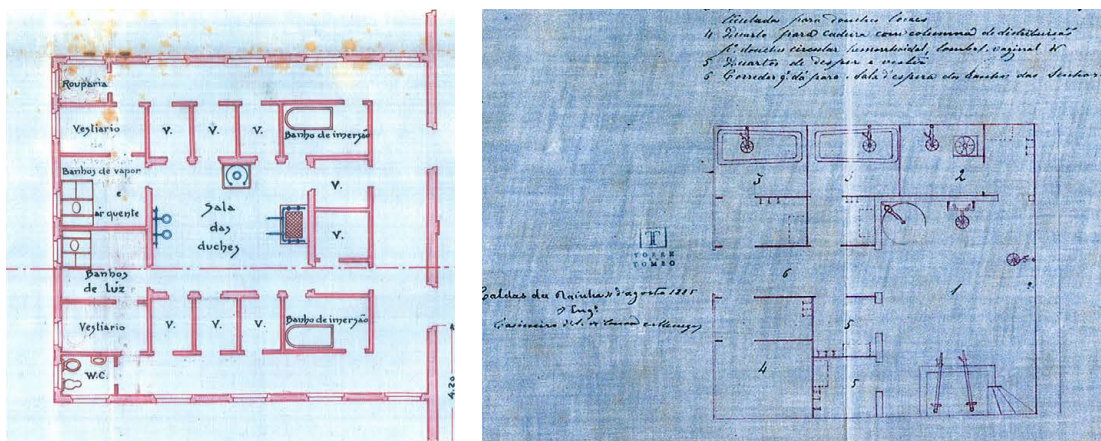


Figura 5 - a) Caldas de Vizela, Planta Rés-do-Chão; b) Caldas da Rainha, Planta de Duches (Mangorrinha e Pinto, 2009)

3.1.1. O Balneário termal

O Balneário, como instalação cujo objetivo é o tratamento dos principais utentes por via das águas, é frequentemente valorizado com espaços destinados a actividades complementares, relacionadas com a alimentação, o divertimento e o descanso. É aquele que transcende o mero equipamento sanitário para se tornar em algo mais distinto, onde o valor estético se sobrepõe ao sofrimento da doença, com o fim de satisfazer as distintas funções e a hierarquia social da estância, surgindo diferentes arquiteturas. Esta obrigação de satisfazer e um conjunto alargado de serviços, e complementar uma série de actividades que anteriormente não lhe eram reconhecidas, transforma o balneário termal em algo mais, ou seja, *“um lugar antiurbano de ambiência e dimensão rurais ou que alcançará a sua plenitude com o conceito de Cidade Termal”* (Mangorrinha e Pinto, 2009: 78).

Dentro do Balneário, a Fonte representa um elemento simbólico e artístico, ocupando um lugar privilegiado, geralmente localizado no átrio. Este trata um espaço amplo, emblemático e decorativo que distribui os aquistas para as galerias de circulação, funcionando como espaço de recepção e ao mesmo tempo de distribuição (Figura 10). Aqui, a entrada de luz, natural, normalmente direta e vertical contribui para a criação de ambientes emblemáticos.

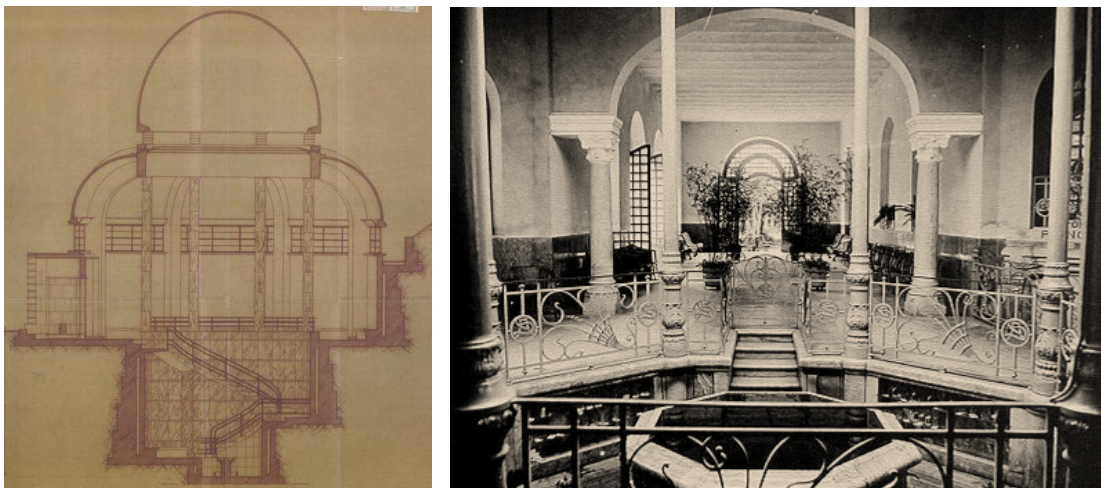


Figura 7 – a) Termas do Estoril, Corte pela Fonte; b) Termas da Curia. • (Mangorrinha e Pinto, 2009)

São os elementos mais marcadamente simbólicos que se destinam a materializar as acções curativas da água, criando os encontros entre os aquistas, centralizando o espaço e o ritual. Diferem ligeiramente de outros espaços para o uso da água, sendo mais privados e requerem maior intimidade e recolhimento, tal como os quartos de banhos, as salas de duches ou até as piscinas. Por outro lado, a ingestão da água compassadamente na Fonte, é uma acção médica e no seu espaço os aquistas estabelecem relações entre si, encontrando-se, observando-se,

iniciando novas relações enquanto deambulam.

Outro elemento que detinha uma grande importância nos Balneários Termais eram as *buvettes*. A maioria das *buvettes* cumpre os requisitos mais importantes, estando situadas sobre o manancial (elemento onde a água mineral tem o primeiro encontro com o balneário) ou muito próximo, pois a primeira exigência é a boa condição da água, e que esta saia com grande parte da sua integridade físico-química e bacteriológica. Esta deve correr pela fonte sem interrupções, o que leva por vezes a que esteja a cota inferior à do balneário. Estas *buvettes* tomam formas diferentes, por vezes enriquecidos com revestimentos em ferro e vitral. Existem exemplos de *buvettes* que são obras arquitectónicas de cariz popular e outra de cariz mais erudito, recorrendo quase sempre às iconografias relacionadas com a água, como grutas, cascatas, ninfas, etc. Independentemente do desenho, muitas delas apresentam matérias nobres como mármore, jaspe, cerâmica, bolas, balaústres, molduras e filigranas (Figura 8).

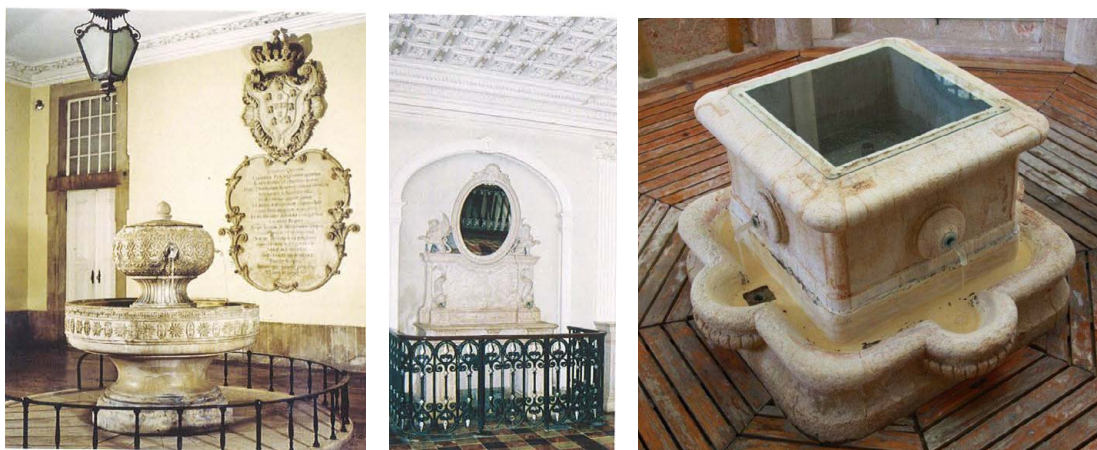


Figura 8 -a) Buvettes de Caldas da Rainha; b) Termas de Cucos; c) Termas de Curia • (Mangorrinha e Pinto, 2009)

3.1.2. A relação com a paisagem na arquitetura termal

As estâncias termais começaram a potenciar a relação com as suas paisagens envolvente, pois, com o passar dos tempos, foram surgindo uma série de actividades relacionadas com o espaço exterior, tais como a prática do passeio, o que, por sua vez, originou um sério investimento em equipamentos destinadas a parque e jardins. Estes integravam frequentemente mobiliário urbano, com maior ou menor abundância e recorte estético, desde os gradeamentos para delimitação do espaço ou proteção do utente, a um conjunto de peças tão importante e variado, como chafarizes, marcos fontanários e bebedouros, quiosques e pavilhões de venda de pequeno comércio, urinóis e chalés-retrete, coretos, candeeiros e candelabros, suporte de

informação, bancos, mesas, cadeiras e papelarias. Todos estes elementos detinham uma função decorativa nos grandes Hotéis termais.

Os pavilhões de nascente (elementos arquitectónicos exteriores que integram a fonte de onde provém a água termal), são outro exemplo deste investimento financeiro, e ficaram associados aos hábitos de passeio, porque decorriam no receituário e no quotidiano dos aquistas. Assim sendo, por conselho medicinal, recomendava-se que este passeio se realizasse ao ar livre e em contacto com a Natureza. As galerias exteriores representaram assim um novo passo para uma nova componente lúdica que esteve no nascimento de uma nova relação entre o aquista e o espaço natural (Figura 9).



Figura 9 - Pavilhões de nascente das Termas de Melgaço e das Termas de Vidago • (Mangorrinha e Pinto, 2009)

Com o desenvolvimento do conceito de passeio e da prática da *promenade* na Europa, começaram a surgir galerias de ferro, acopladas ao Balneário, como abrigo do aquista e de elemento de composição das fachadas. O passeio por estes espaços podia ser acompanhado pela oportunidade de fazer ginástica em ginásios edificadas, nas áreas limítrofes ao edifício principal. Porém, à falta de equipamentos e elementos construídos para recreio e exercício físico dos aquistas, a prática do passeio poderia ser realizada com o aproveitamento dos recursos e percursos existentes nas redondezas serranas (a já referida *Balneoforma*), descrevia os hábitos ao longo do dia nas Caldas do Gerês:

“De manhã uma pessoa levanta-se as quatro horas, toma-se de imediato banho ou bebe-se a água e depois dá-se um passeio até as sete horas. Desce-se o vale ou sobe-se por um caminho acima da povoação onde muitas beldades alemãs ficariam com vertigens, as pessoas mais fracas, muitas mulheres também, montam em machos e burros. Depois deste passeio toma-se o pequeno almoço e posteriormente faz-se a sesta. Depois das quatro horas toma-se de novo banho ou bebe-se água, logo de seguida dá-se um segundo passeio assim que o sol abandona o vale, a seguir uma pessoa dirige-se para uma mesa de chá ou de jogo e depois das dez horas vai cada um para sua casa para tomar uma ceia leve. Este é o modo de vida naquelas longínquas e

perdidas termas” Heinrich Friedrich Link (1798: 209).

“O passeio a pé é praxe intransgredível após a dose matinal, a repetir pela fresca da tarde; as ladeiras da serra são preferíveis ao macadame da estrada. Excursões pela serra devem os válidos fazê-las por higiene e recreio, sem abuso porém e prejuízo das calmas ou voltas fatigantes” (Ricardo Jorge, 1981: 242).

Efectivamente, foi na mesma altura desta última descrição que, em Portugal, as práticas do passeio começaram a estar relacionadas com espaços mais organizados, como por exemplo no Parque D. Carlos I, nas Caldas da Rainha (Figura 10). Assim sendo, os espaços verdes começam a ser construídos para o entretenimento de uma população deslocada, obrigada a uma estada fora do seu meio e que procurava distração e afirmação social. Foram introduzidas novas práticas de lazer, para além dos jogos tradicionais e do passeio, tais como os passeios de barco em lagos, o ténis, o ciclismo, a patinagem, entre outros, originando constantes alterações, no sentido de modernizar os espaços exteriores termais.

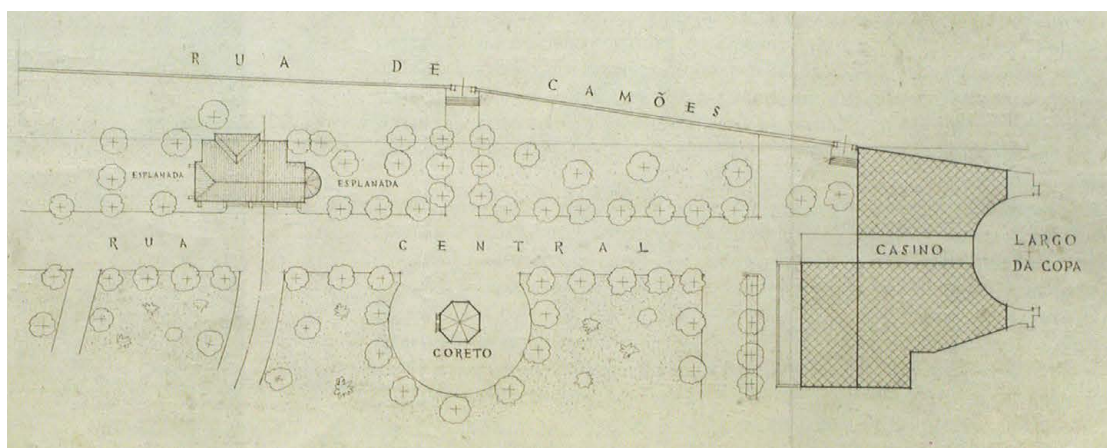


Figura 10 - Caldas da Rainha, Planta do Parque • (Mangorrinha e Pinto, 2009)

No conjunto termal, a paisagem cumpre objetivos específicos de inspiração especialmente romântica, em que os edifícios e as espécies arbóreas formam um todo, não tanto em termos de desenho, mas na funcionalidade que o espaço deve despertar ao utente. Nas termas portuguesas, os parques revelam diferentes relações com a edificação principal do espaço em si. Em complexos termais como Pedras Salgadas, Melgaço, Caldas da Rainha e Vidago, os parques funcionam como aglutinadores do espaço global. Por outro lado, em casos como as Caldas de Vizela, Caldas de Monção, Termas de Curia e nas Caldas de Aregos, o parque é exterior aos balneários, funcionando como jardim público. Estas áreas verdes têm origem num tempo em que se introduziram uma variedade de espécies e se renovaram técnicas de arboricultura, existindo árvores centenárias que atingiram um desenvolvimento luxuriante e que elas próprias representam parte importante deste microcosmo termal.

3.1.3. As unidades de alojamento

O início da indústria hoteleira em Portugal foi marcado, inicialmente, por sistemas de habitação temporária ainda com um carácter habitacional familiar, que ainda se mantiveram, revivendo noutra época e com uma imagem romântica de investimentos mais vultuosos, caracterizados pelos *Palace* ou os *Grande Hotel* (Figura 11), símbolos de uma época, porque ficaram essencialmente associados a lugares de *vilegiaturas* ou a vilas de águas.

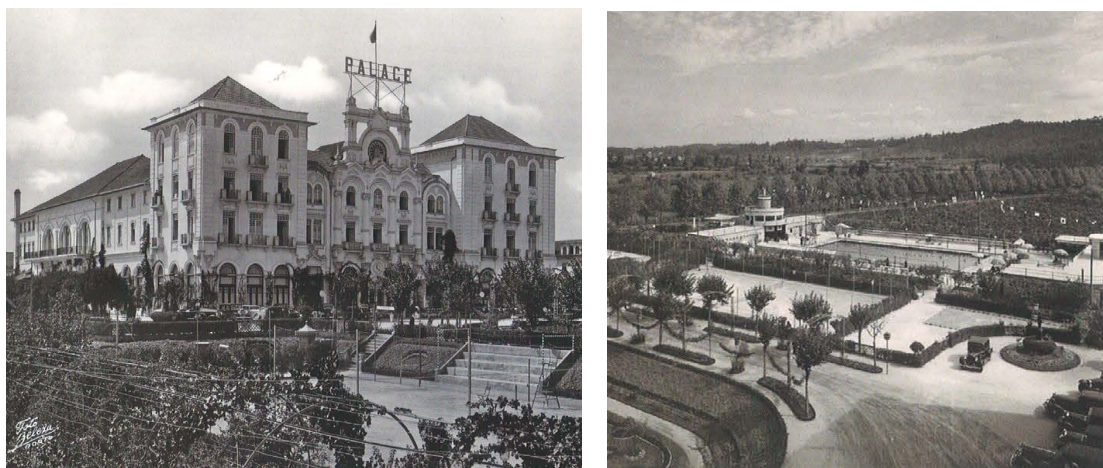


Figura 11 - Termas da Curia, Hotel Palace • (Mangorrinha e Pinto, 2009)

Como reflexo dos hábitos mundanos da sociedade endinheirada, os *Palace* eram compostos por fachadas imponentes, majestosos pés-direitos, elegantes galerias e por extensos salões de banquetes e de baile. Em contraste com a funcionalidade do projeto do Balneário, os Hotéis tinham maior liberdade formal e decorativa.

Gradualmente, o território termal começou a ser apelativo para os investimentos em novas unidades hoteleiras. Os conjuntos turísticos que se iam formando eram constituídos por equipamentos de lazer, nos quais o Hotel tinha um lugar preponderante, quase sempre associados a paisagens de forte cariz cenográfico. No intenso interesse pelo Turismo por parte do Estado republicano, baseou-se o apoio das entidades públicas, designadamente o Conselho de Turismo, no qual exercia, como seu relator, o arquitecto Ventura Terra que definia regras muito rigorosas, desde o tipo de edificação indicado para aquela ocupação até à sua integração estética. Estes Hotéis tinham obrigatoriamente de conter no seu programa funcional *“vestíbulos e átrios de grande proporção com decoração luxuosa, com metade dos quartos equipados com banheiros, dos quais 10% deveriam incluir um salão privativo, havendo em todos eles uma antecâmara, como também restaurante, sala de visitas, casa de jantar, sala de festas, de leitura e correspondência, cabeleireiros para senhoras e para homens, para além de serem exigidos decoração e mobiliário com máximo conforto e luxo* (Mangorrinha e Pinto, 2009: 92).

Os planos de investimento nas estâncias termais passaram a integrar unidades hoteleiras como elementos essenciais da própria viabilidade económica e social da actividade termal, aspectos que viriam a beneficiar, mais tarde, da melhoria das acessibilidades. A sua arquitetura tomou diferentes expressões adequadas com a dimensão do investimento, que quase sempre lhe condicionou o desenho (Figura 12).

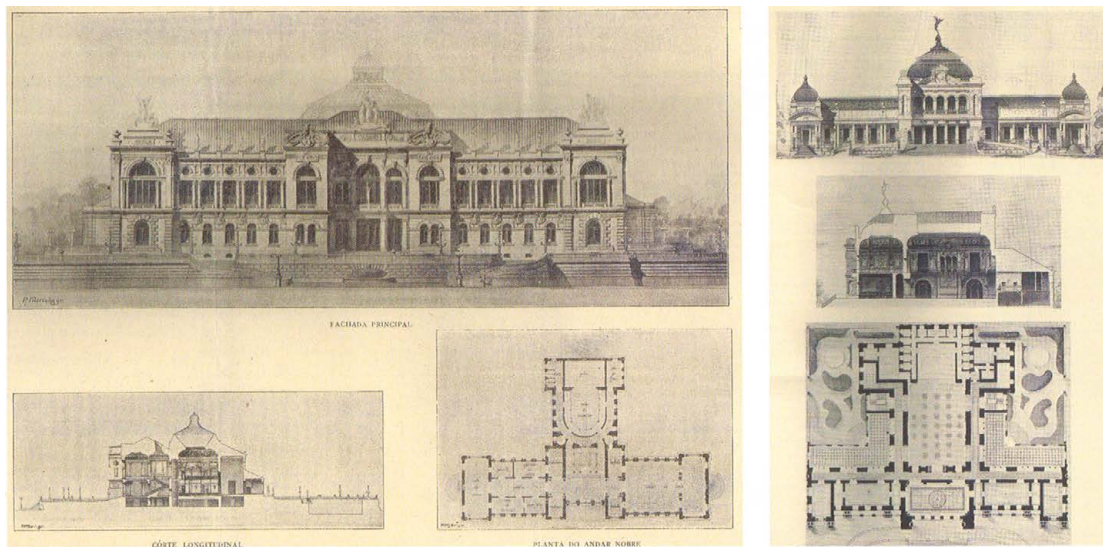


Figura 12 - Projetos de Casino de Artur Rato e José Pacheco • (Mangorrinha e Pinto, 2009)

Com os Hotéis a adquirirem uma importância essencial para o progresso das estâncias termais, estas também assumiram uma dupla função de tratar doenças e contribuir para a higiene da sociedade. Recorreu-se à arquitetura para redesenhar espaços próprios de evasão e nasceram Clubes e Casinos, os primeiros dos quais instalados nas Caldas da Rainha, Luso, Cucos e Moledo.

Actualmente, este preenchimento do microcosmo termal português, que tipologicamente nada se distingue do modelo centro-europeu (Mangorrinha e Pinto, 2009), vem acompanhando as variantes existentes na europa, ou seja, em Portugal, têm-se visto cada vez mais um investimento no Termalismo, sendo este um dos pontos mais fortes a nível turístico, como por exemplo as Termas de Vidago, redesenhadas pelo arquiteto Siza Vieira, em 2010 (Figura 13), projeto que contou já com diversas distinções, tanto em termos arquitectónicos, como em termos das valências oferecidas. Estas são o fruto da constante evolução e transformação do Balneário termal, pelo sua dimensão e relevo na paisagem, pelos esbeltos e requintados jardins e pela sua variada oferta no âmbito dos tratamentos termais.



Figura 13 - Terma de Vidago, Siza Vieira • (Mangorrinha e Pinto, 2009)

Relativamente às diferentes arquiteturas de unidades hoteleiras, projetadas e construídas nos espaços termais portugueses, o repertório de estilos é extenso: imitações e reinterpretações; revivalismo classicista, fantasioso e refinado; arquitetura popular e pseudovernacular e Modernismo austero; contemporaneidade e experimentação (Mangorrinha e Pinto, 2009). A sua ordem tanto pode ser rigorosa e simétrica, com a divisão da fachada em três partes pontuadas por um corpo central saliente, ou uma profusão volumétrica, conforme se tornam mais recentes. Por vezes, o emprego dos elementos ornamentais marca linhas horizontais, esquinas enfatizadas, colunas estruturais e eixos de simetria, ou uma manifesta impregnação de pormenores construtivos, funcionais e decorativos que evidenciam uma clara relação com a tradição mais clássica, sublimada por muitos estabelecimentos termais europeus nos modelos alemão e francês oitocentistas (Mangorrinha e Pinto, 2009).

3.2. O percurso na arquitetura termal

O termalismo e o percurso pedonal são dois termos que se interligam em algumas situações e contextos, desde logo, pelo facto de ambos serem favoráveis ao tratamento e manutenção da saúde do Homem. A caminhada é excelente para a socialização e pode ser praticada por qualquer pessoa, de qualquer idade, ajudando a evitar uma grande variedade de doenças, como por exemplo os diabetes ou até mesmo o cancro de intestino, provoca a oxigenação do cérebro por ser uma actividade aeróbica e ainda, se praticada rotineiramente, possibilita a libertação

de endorfina, que são hormônios capazes de tranquilizar e dar a sensação de bem-estar (Cooper, 1968).

Outra vantagem de incluir o percurso pedonal no plano do termalismo, em relação ao Balneário Termal, é o facto de se incluir de forma mais próxima a natureza. Tratando-se de um percurso ao ar livre e contínuo, é possível tornar um espaço arquitectónico de termalismo mais apelativo. Não basta criar percursos que permitam as pessoas deslocarem-se de um local para o outro, mas sim promover condições favoráveis para nele deambularem e participarem nas diferentes atividades sociais.

Um bom percurso pedonal depende dos seguintes fatores: a localização e a distribuição de usos; os condicionamentos da locomoção, ou seja, a quantidade e a tipologia dos obstáculos com que nos deparamos num determinado percurso, da topografia do terreno ao tipo de material em que um percurso é construído; as soluções e dispositivos de apoio às pessoas com mobilidade condicionada (Peralta, 2011). Quando a questão do percurso pedonal é abordada, não se trata simplesmente de movimento e deslocação mas sim de ter em atenção as realidades sociais e ambientais do local a intervir. Se não percebermos as características do local e de que forma estas afetam o local de intervenção, não é possível abordar temas como o percurso no espaço natural.

A nível de obstáculos e continuidade do percurso, é preciso entender que os percursos pedonais acessíveis são contínuos, desobstruídos ou livres de barreiras físicas que fazem a ligação a outros elementos igualmente sem o mesmo tipo de obstáculos e que obedecem às presentes normas, como por exemplo edifícios, espaços verdes ou de diversão (Falorca, 2008). Os obstáculos podem ser separados em dois tipos que se adequam ao local em questão e às resultantes decisões de Projeto: os obstáculos físicos e os obstáculos psicológicos. Os obstáculos físicos são elementos como as escadas, o declive do terreno. A obstrução através de mobiliário urbano mal colocado ou mesmo de árvores nos locais de circulação pedonal, são também exemplos desta realidade. É necessário existirem condições de conforto e segurança para quem se desloca.

Os obstáculos psicológicos são por exemplo a má visibilidade do espaço exterior. A distância pode ser também um obstáculo psicológico. Quando o percurso atinge os seus 500 metros, em linha reta, desprovido de intervenções, aborrecido, sem arborização, mobiliário urbano, entre outros elementos, torna-se fatigante, longo, aborrecido e inseguro (Figura 14). A solução pode estar na criação de etapas que tornam a distância mais atrativa e rápida de se percorrer. Uma mudança na configuração da mesma, como curvas, um aumento da sua área, locais de entrada e saída, de forma a não ser possível visualizar o seu fim, traz vantagens imediatas na sua utilização (Falorca, 2008).



Figura 14 - a) Ponte na Covilhã; b) Ponte sobre o Esteiro de S. Pedro, Carrilho da Graça • (Fotografias do autor, 2014)

Ao abordar o tema “etapas” no espaço natural, fala-se de momentos que vão aparecendo ao longo de um percurso, tais como largos, zonas de estar e zonas de contemplação. Com isto, a distância torna-se psicologicamente mais reduzida e menos cansativa.

A segurança e o conforto são dois aspetos que estão diretamente relacionados com a mobilidade do percurso pedonal e que tem vindo a ser abordados ao longo do assunto. Quando se tem em conta um projeto para espaço público, é necessário trazer segurança e conforto à população (Gil, 2009). Um espaço seguro e confortável aumenta a sua utilização, por outro lado, caso não possua estas características, pode vir a originar um abandono, pois as pessoas vão considera-lo inseguro. Fatores como a qualidade formal do espaço, a sua manutenção, a iluminação, a diversidade de usos, a acessibilidade, a vigilância, a presença de serviços e atividades atrativas, ou então, a relação com a envolvente, e tudo o que facilite a integração dos espaços. Uma atenção especial a estes aspetos deve ser dada, garantindo uma continuidade do uso social, manter a presença de pessoas, tornando o local movimentado.

A população tem a sua percepção de qualidade de espaço que percorre através de aspetos da ordem formal e funcional. Um espaço ou percurso é ainda considerado seguro e confortável se oferecer condições de proteção dos elementos naturais (Gil, 2009).

3.2.1. Termas geométrica de Pucón

Estratégia para o Parque Nacional de Villarrica, Chile

Arquitecto German del Sol

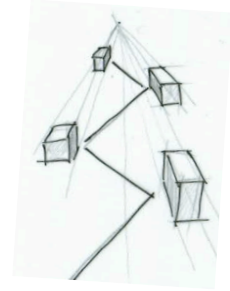


Figura 15 - Termas Geométricas de Pucón · (Archdaily, 2014)

Esta intervenção situa-se no meio da floresta nativa do Parque Nacional de Villarrica, em Pucón (a 450 km da cidade de Santiago, Chile) e foi projetada pelo arquiteto German del Sol. Por força da beleza natural onde se insere, esta obra tem a particularidade de ser cem por cento ecológica, não contendo nenhum equipamento tecnológico, permitindo que os banhos tenham uma relação forte e direta com a natureza.

Apoiada por cerca de sessenta nascentes ali existentes que fornecem águas a mais de 80 graus centígrados, foram esculpidas cerca de vinte piscinas ao longo de 450 metros de comprimento. Perto de cada piscina, existem alguns blocos que funcionam como vestiários e instalações sanitárias, como também algumas plataformas de descanso, devido ao terreno íngreme onde se encontra.

Na entrada, foi criado um bloco inicial e de maior envergadura, denominado de “Quincho” (Figura 16). Para uma melhor intrusão na natureza, o arquiteto optou por usar cobertura ajardinadas em todos estes equipamentos que foram colocados através de estacas, estando numa cota mínima de sessenta centímetros acima do solo, devido ao deslizamento de águas que acompanha este percurso.

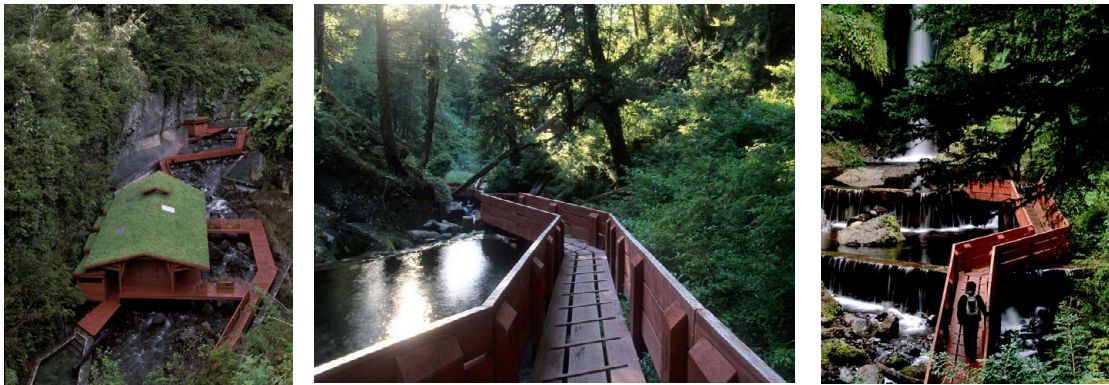


Figura 16 - "Quincho" (Recepção/Ponto de encontro). Percurso Pedonal. • (Archdaily, 2014)

Todos estes equipamentos, plataformas e piscinas estão interligados por um Percurso Pedonal, inteiramente constituído por madeira, e estende-se ao longo de toda a estância termal. Na base destas rampas, foi colocado um ripado de madeira, que, com as altas temperaturas da água termal que percorre debaixo do percurso, evita o excesso de acumulação de humidade nas estações mais frias, facilitando uma melhor circulação. A sua arquitetura geometrizada juntamente com a cor vermelha pintada na madeira, cria um destaque, separando a construção do envolvente, mas ao mesmo tempo, com as várias mudanças de direção que este percurso sofre, permite aos seus visitantes uma constante observação da paisagem natural ali existente.

Em suma, este tipo de intervenção que se vai ramificando sobre a natureza, subverte a estrutura típica do termalismo usado em balneários, usando-a como espaço de banho e ao mesmo tempo de passeio, resultando numa reutilização e reinterpretação de um espaço natural (Figura 17).

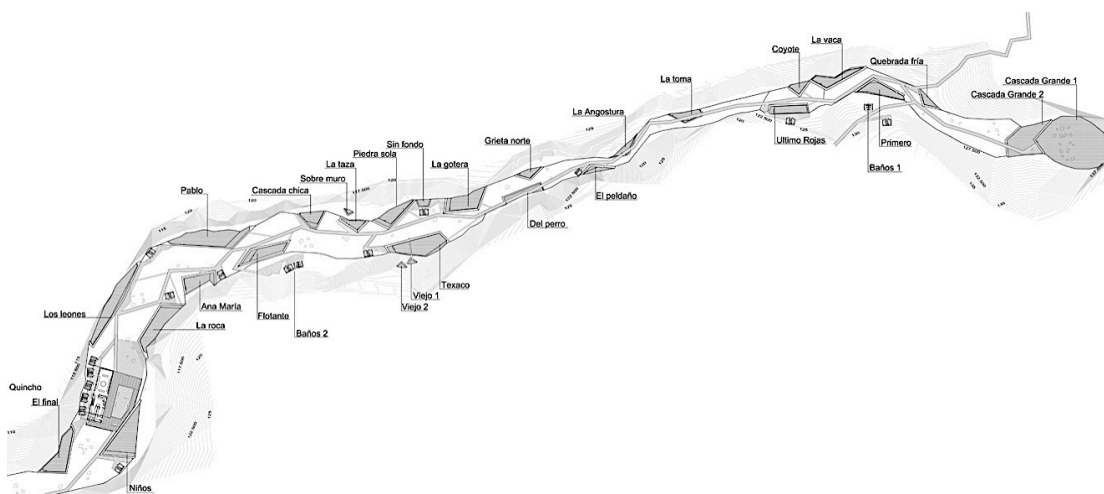
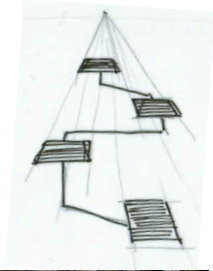


Figura 17 - Termas Geométricas. Planta implantação. • (Archdaily, 2014)

3.2.2. Termas de Puritama

Estratégia para o Vale de S. Pedro em Atacama, Chile



Arquitecto German del Sol



Figura 18 - Termas de Puritama. • (Archdaily, 2014)

Este complexo termal, desenhado também pelo arquiteto German del Sol, surge implantado em pequenas lagoas ao longo do rio Puritama, que flui num vale a cerca de 60 km de San Pedro de Atacama, no Chile. Segundo as palavras do próprio arquiteto, German del Sol, esta arquitetura insere-se na paisagem e na topografia do local, acompanhando o pequeno declive ali existente, criando uma malha ao longo do vale.

Este local foi sempre apreciado pela qualidade da água, que é aquecida pela actividade vulcânica ali existente. Esta é cristalina e tem uma temperatura que varia entre os 35 e os 37º graus centígrados.

Ao longo do rio, existem oito piscinas rasas, onde a água atinge cerca de setenta centímetros de altura. Aqui torna-se difícil a prática da natação, tornando-o num local de bem-estar onde o convívio e o relaxamento passam pelas actividades principais. Foram criados dois blocos em betão, revestidos com gesso pintado de branco, ao longo desta estância termal, de forma a abrigar todos os serviços necessários. Um primeiro com vestiários e instalações sanitárias e um segundo com saunas. Estas construções também funcionam como espaços de vida na natureza brutal destas montanhas desertas (Figura 19).



Figura 19 - Termas de Puritama. Plano da entrada. Plano do banhista • (Archdaily, 2014)

Ao longo do rio Puritama, foi criado um Percurso Pedonal, permitindo a utilização sustentável das piscinas naturais ali existentes. Este percurso em madeira e levantado um pouco acima da cota do chão, através de estacas, convida os seus visitantes a seguir o curso do rio, contornando as piscinas e a vegetação ali existentes. Funciona através de pequenas plataformas (perto das piscinas), que são ligadas através de rampas, criando um forte destaque neste vale. O projeto não contempla qualquer tipo de guardas laterais, na medida em que se trata de um local de vegetação rasa, que sofre poucas alterações ao longo das estações do ano.

Este caso é muito idêntico à intervenção antes analisada. Trata-se no entanto de uma diferente estratégia de relação com o lugar. Enquanto nas Termas Geométricas, o Percurso vai-se ramificando, de forma a encontrar todos os elementos ao longo da estância, nas Termas de Puritama o percurso acompanha essencialmente o rio, intersectando plataformas e contornando os elementos naturais já existentes (Figura 20).

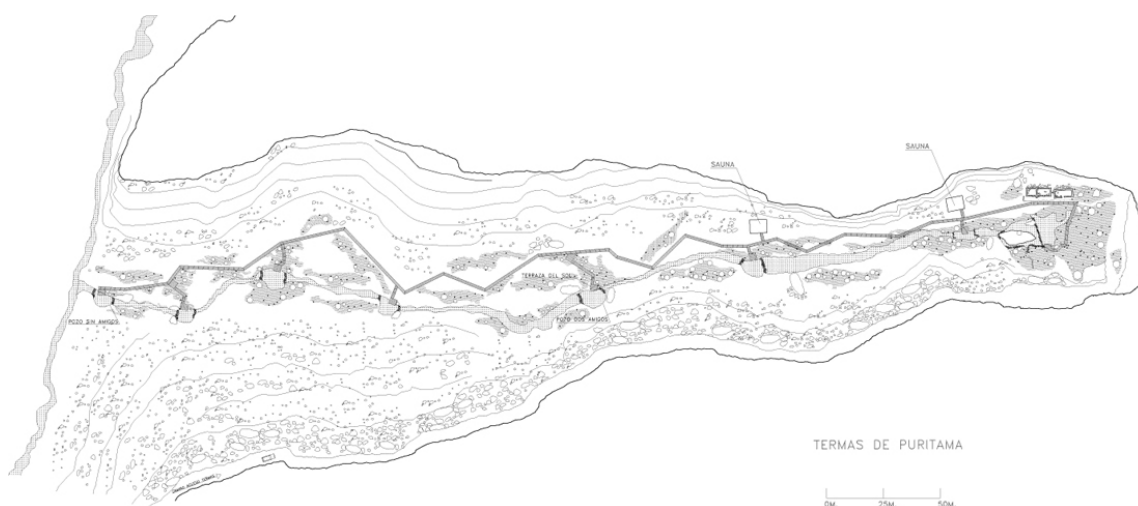


Figura 20 - Termas de Puritama • (Archdaily, 2014)

3.2.3. Termas de Vals

Estratégia para o Cantão de Graubünden, Suíça

Arquitecto Peter Zumthor



Figura 21 - Termas de Vals • (Archdaily, 2014)

As Termas de Vals, obra sobejamente reconhecida a nível mundial pela sua arquitetura, localiza-se na Suíça, numa encosta bastante íngreme do cantão de Graubünden e foi projetado pelo arquiteto Peter Zumthor. Este inspirou-se numa caverna ou pedreira para conceber esta obra, ou seja, criar um balneário no interior da encosta, onde a água termal surge naturalmente vindo do topo da montanha.

O Balneário Termal situa-se sobre as únicas fontes termais da região e devido à inclinação do terreno, parte do edifício encontra-se subterrâneo, sendo a iluminação estabelecida através de pequenos rasgos na cobertura do edifício. Estas foram construídas a partir de camadas sobre camadas de quartzito de Vals, encontrado na região. As combinações de luz e sombra, vazios e cheios, e elementos lineares criam uma experiência integralmente sensitiva e restauradora (Figura 22).

Esta estância oferece um variado tipo de equipamentos termais, tais como saunas, salas de massagens, banhos turcos, uma piscina interior e outra exterior com vista para a paisagem natural ali existente.

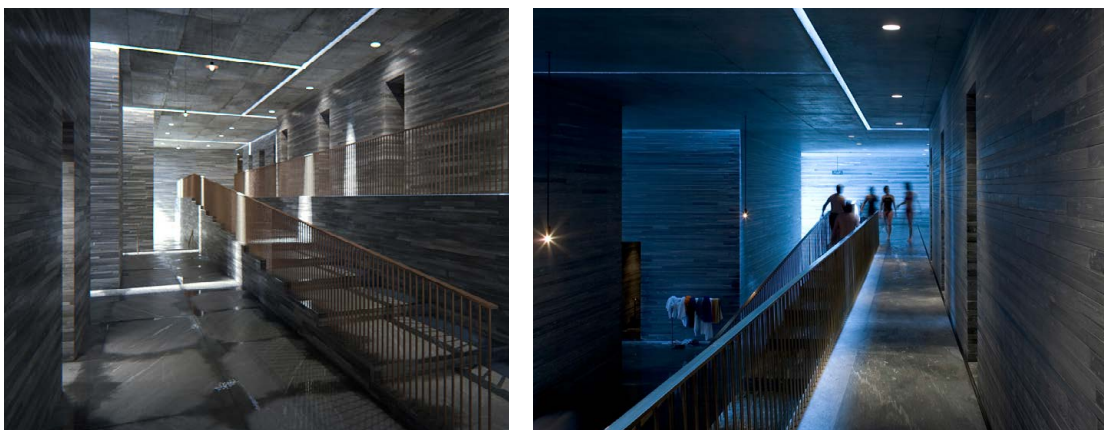


Figura 22 - Termas de Vals • (Archdaily, 2014)

Ao analisar a planta do piso térreo, verificamos que as duas piscinas existentes assumem uma posição central e os percursos interiores funcionam como articuladores entre estas e os restantes elementos e equipamentos (salas de descanso; salas de massagem; salas de banhos; etc.) que o balneário contém. Podemos identificar quatro percursos, dois transversais e dois longitudinais (Figura 00), ao longo dos espaços de banho desta estância termal. O quartzito utilizado como revestimento e colocado de forma horizontal transmite uma sensação de continuidade. De forma a auxiliar o extenso percurso que percorre toda a fachada principal, foram criadas aberturas direccionadas para a paisagem, na fachada principal. Estas aberturas oferecem aos observadores e visitantes uma orientação para o espaço mais amplo do edifício, onde predomina a luz natural.

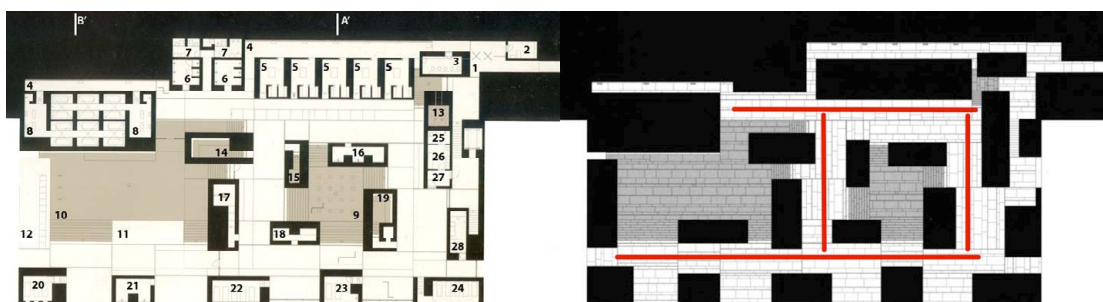


Figura 23 - Termas de Vals, Planta do piso térreo. • (Esquema do autor, 2014)

Este é o tipo de intervenção mais comum em relação ao termalismo, sendo um espaço termal inserido num bloco/edifício, com todas as suas funcionalidades e equipamentos no seu interior. Aqui há que salientar que, apesar dos banhos se localizarem dentro de um edifício fechado, o percurso é um elemento essencial e está na base do projeto arquitectónico, simplificando a circulação no seu interior. Por outro lado, a já referida métrica dos vãos, ou a forma de colocação dos materiais apoiam a definição desse sentido de percurso e são essenciais para o bom funcionamento do edifício.

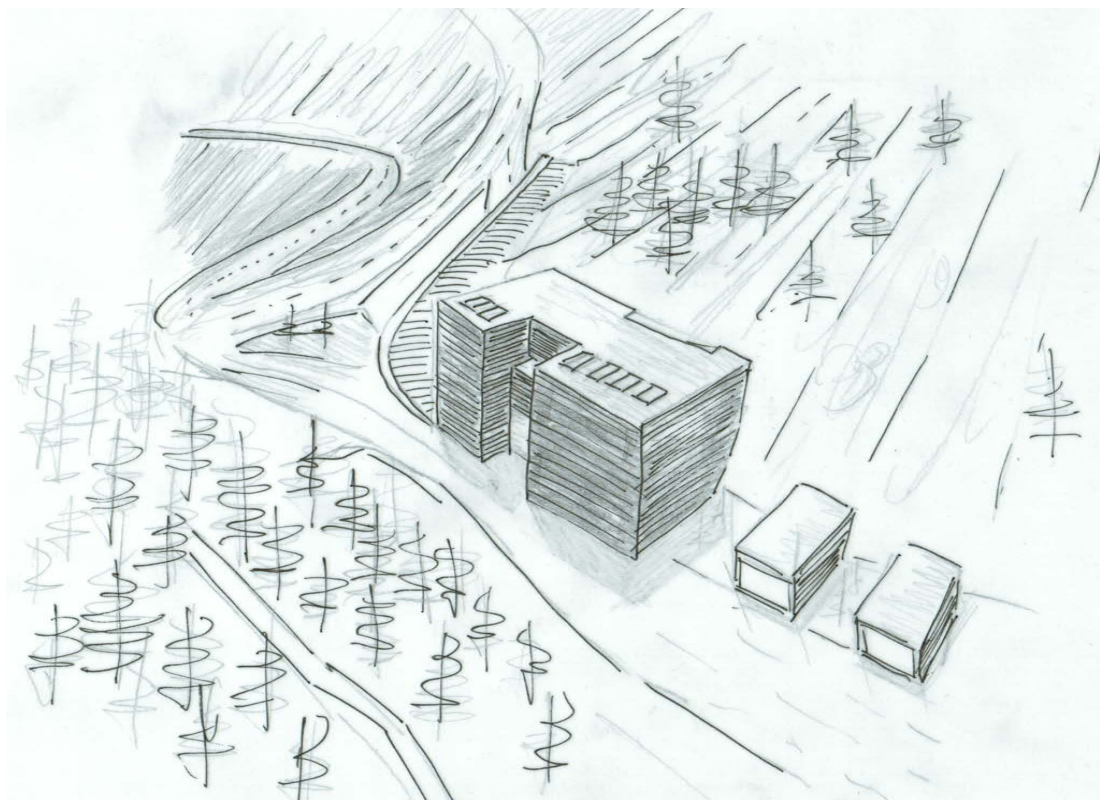


Figura 24 - Esquício da proposta. • (Esquícios do autor, 2014)

4. A Estância Termal do Covão d'Ametade

Ao longo dos últimos anos, verifica-se uma grande afluência de visitantes ao Vale do Covão d´Ametade, tanto por parte dos habitantes locais, como também por turistas que visitam a Serra da Estrela, por força da sua beleza natural. Sendo o autor habitante desta região, faz parte deste trabalho procurar reabilitar o Vale do Covão d´Ametade. Como esta zona do interior de Portugal carece de investimentos financeiros, este tipo de intervenção pode ser uma mais-valia para o seu desenvolvimento socioeconómico.

4.1. O lugar

O lugar de base ao presente estudo/projecto situa-se no vale do Covão d´Ametade, que, por sua vez, se localiza no interior da Serra da Estrela, na zona do Vale Glaciar (Figura 26), no concelho de Manteigas, distrito da Guarda.



Figura 25 - a) Localização de Manteigas, mapa de Portugal; b) Vista para o Vale Glaciar da Serra da Estrela. (Esquema e fotografias do autor, 2014)

O concelho de Manteigas encontra-se integrado na vasta área da Cordilheira Central de Portugal, no coração da Serra da Estrela, totalmente integrado no Parque Natural da Serra da Estrela e na Rede Natura 2000. Incluído na sub-região da Beira Interior Norte, é o concelho mais pequeno desta NUT III, com uma área aproximada de 122 km², assim sendo, Manteigas é delimitado pelos concelhos da Guarda a Nordeste, Covilhã a Sudeste e a Sul, Seia a Oeste e Gouveia a Nordeste.

O clima do concelho é característico da zona de montanha, com Invernos rigorosos e Verões suaves, com amplitudes térmicas anuais médias e níveis de precipitação anuais elevados. Para além das características climáticas, o concelho de Manteigas pode ainda caracterizar-se pela

elevada amplitude altimétrica e pela especificidade dos seus relevos, sendo que as altitudes variam dos 542 metros em Vale de Amoreira e os 1918 no Cântaro Magro.

Em termos demográficos, o concelho de Manteigas contém cerca de 3972 habitantes, a que corresponde a uma densidade populacional de 32,6 hab/km², sendo as freguesias da vila de Manteigas as mais povoadas. Manteigas constitui assim uma zona privilegiada, dadas as suas condições naturais, ecológicas e paisagísticas.

As paisagens da região são caracterizadas pelo extenso Vale Glaciar ali existente, marcadas pelo declive das montanhas e pela sua vegetação rasa.

A arquitetura tradicional do concelho de Manteigas é caracterizada pelas alvenarias em tijolo, com o revestimento em reboco. As aldeias acabaram por se centralizar nos terrenos impróprios para a agricultura, onde as edificações se dispõem lado a lado, ao longo das poucas ruas. Estas edificações têm acesso directo para a rua, varandas preferencialmente orientadas para Sul e abrigadas do vento. No centro da aldeia, o piso térreo servia tradicionalmente para o comércio e o primeiro piso era dedicado à habitação (Pinto, 2000).

Actualmente, Manteigas não é uma excepção à desruralização que se propagou por todo o país durante o século passado. Agora que *“os campos ficam desertos, que a agricultura não se paga o suor do nosso rosto, agora que a pecuária entrou em crise por novas doenças e novas leis de mercado, agora que a juventude embarcou nas ondas da emigração para o mar dos grandes centros, há que fazer valer esse capital polivalente que temos e que é a Natureza”* (Vasconcelos, 2001: 99).

O terreno para a implantação da proposta apresentada na segunda parte desta dissertação possui cerca de 42 mil metros quadrados. Segundo o Plano Diretor Municipal do concelho de Manteigas, toda a área de implantação é classificada pela REN (Reserva Ecológica Nacional) como a maior zona de reserva agrícola do concelho.

O Vale do Covão d'Ametade (Figura 26) tem a particularidade de conter o rio Zêzere, proveniente do Cântaro Magro (ponto mais alto da Figura 26), que divide as duas partes do vale. Ambos apresentam uma morfologia e topografia muito semelhante, sendo que na sua extensão máxima a sua diferença altimétrica varia apenas em dois metros. Existe aqui uma área florestal virgem que acompanha continuamente o rio sinuoso, e que contorna o vale dividindo-o de toda aquela encosta de grande declive, como se protegesse todo este espaço, essencialmente composta por árvores de grande porte, como pinheiros bravos, castanheiros e pseudotesugas.

Este terreno oferece apenas uma possível entrada, a Este, já que se encontra rodeado pela cadeia montanhosa descrita.



Figura 26 - Vale do Covão d´Ametade • (Esquiços do autor, 2014)

Dentro da área de intervenção, perto da entrada do local (junto ao rio), existem algumas pequenas edificações que serviam como apoio ao funcionamento do parque de lazer, uma pequena casa com um telhado de uma água virada para o conjunto de árvores ali existentes (Figura 27). O presente trabalho propõe a demolição deste elemento, por se localizar num ponto estratégico, junto à entrada do terreno, o qual vai ser ocupado pela proposta.



Figura 27 - Elementos paisagísticos do Covão d´Ametade • (Fotografias do autor, 2014)

Por outro lado, pela sua localização a este e pela paisagem que pode ser observada a partir daqui, esta zona de acesso ao terreno é a parte mais ensolarada do Vale do Covão d´Ametade. A extensa área florestal que acompanha o sinuoso rio Zêzere centraliza todo este espaço, realçando a área de intervenção do percurso pedonal.

Salienta-se que no local não há nem nunca houve nenhuma água explorada como mineral natural, e portanto, nunca se verificou aqui qualquer unidade termal. Por outro lado, salienta-

se que também se está numa área de REN (Reserva Ecológica Nacional) e de Parque Natural da Serra da Estrela. Ora estes condimentos juntos, poderiam a nunca levar em nunca se fazer qualquer proposta com o carácter do presente trabalho.

Essas situações foram muito bem ponderadas, antes de se iniciar qualquer esforço, tendo de facto se tomado a decisão de se fazer o presente estudo, no âmbito académico, mas que se acredita que um dia poderá ser efectuado, ou pelo menos ser a alavanca de algo semelhante para o lugar. Esta situação resulta porque se considera que o local apresenta condições extremamente favoráveis a uma verdadeira estância termal no sector do bem-estar e aqualúdico, porque por um lado tem uma paisagem e uma ambiência local maravilhosa adequada a este tipo de projectos (natureza muito virgem, vegetação luxuriante, isolamento e silêncio só da natureza, de entre outros), por outro lado é um dos locais do país que apresenta excelentes recursos hídricos e puros, sendo uma consequência de alguns períodos de consideráveis nevões, que também é singular para o local.

Devido à situação geomorfológica e topográfica há potencial para se realizarem captações de água subterrânea para abastecer o complexo em estudo, de modo a poderem produzir o recurso apenas por gravidade (furos ou captações horizontais na montanha) potenciando ainda mais o projecto, pois não haveria gasto de energia para a captação da água. Por outro lado, a delimitação e implantação de perímetros de protecção das captações seriam fáceis de implementar e numa zona a montante do complexo.

A complexidade de se vencer o facto de se estar numa zona de REN será vencida com a particularidade da presente proposta ser muito bem enquadrada na natureza misturando-se com ela e se confundindo, de modo a que visualmente não haja impactes negativos. Tecnicamente, hoje a engenharia está muito avançada e permitirá minimizar os vários aspectos negativos que possam surgir quer na fase de construção quer no período de vida da estância termal, com estas adequadas e outros equipamentos perfeitamente em harmonia com a natureza. Portugal ficaria assim, com umas termas ao nível do melhor que há no mundo. Portugal necessita para se afirmar e para ser um país normal com ganho de riqueza, a partir dos seus recursos disponíveis.

Actualmente, as actividades turísticas são encaradas como importantes impulsos socioeconómicos para o desenvolvimento sustentável dos países europeus. O Termalismo, particularmente em espaço natural, pode assumir um papel fundamental no desenvolvimento das localidades do interior, que nas últimas décadas têm vindo a cair em esquecimento.

As ofertas turísticas estão cada vez mais diversificadas, procurando cada uma delas, completar uma vasta oferta já existente no termalismo europeu. É neste campo que o arquiteto tem um papel essencial na concepção de novas estratégias termais. Consciente deste objetivo, pretende-se assim criar uma proposta capaz de proporcionar experiências sensoriais e turísticas, focalizadas no aproveitamento da natureza e das águas termais.

4.2. Descrição da proposta

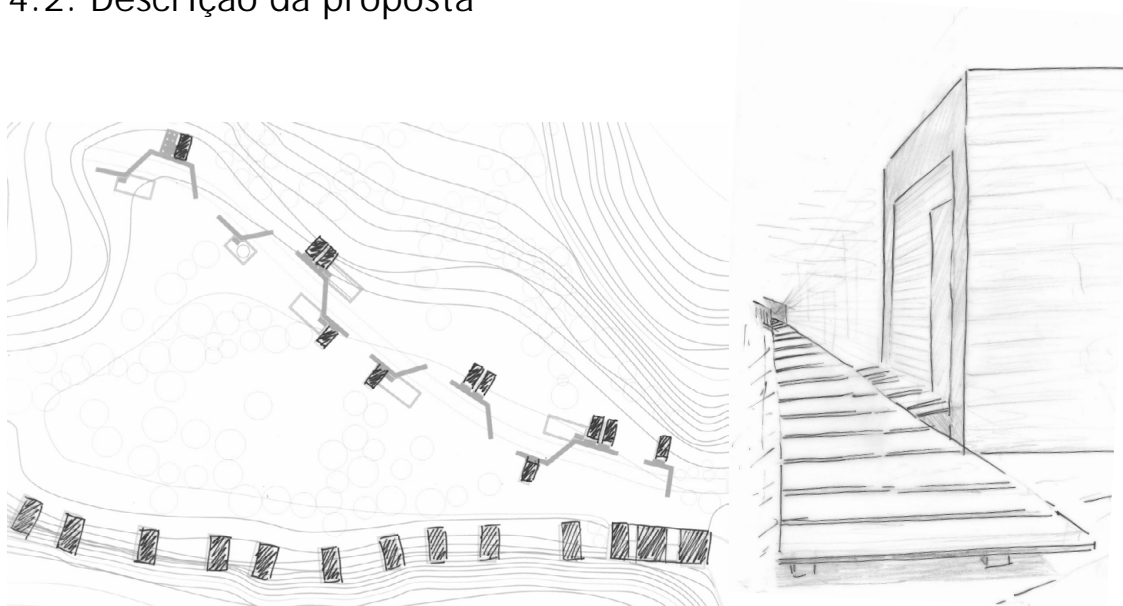


Figura 28 - Esquema de implantação geral. • (Esquiços do autor, 2014)

4.2.1. Definição do programa termal

A partir do suporte teórico obtido na primeira parte da presente dissertação, procurou-se desenvolver um programa preliminar (Figura 29) que definisse a experiência turística e termal que o projeto arquitectónico pretendia oferecer.

Procuraram-se respostas às questões funcionais intrinsecamente ligadas à actividade turística e termal, conjugadas com uma reflexão em torno da presença visual que os volumes construídos deveriam assumir na paisagem. Sob esta dicotomia, foi idealizado um conjunto de valências que simultaneamente possam deter o papel de revitalizar o Vale do Covão d`Ametade e as margens do rio Zêzere.

Tipologicamente, o programa compreende três grandes unidades funcionais: a) Bloco de recepção; b) Unidades hoteleiras; c) Percurso termal.

a) Bloco de recepção

Esta unidade funcional é materializada num edifício que pretende ser um objeto arquitectónico integrante da paisagem, reunindo uma série de espaços que visam preencher alguns pontos essenciais para o usufruto desta estância termal. Assim sendo, o Bloco de recepção, por sua vez, contempla: um piso, com uma área de estacionamento com 28 lugares (piso 0); um piso intermédio (piso 1) correspondente à recepção e à zona de restauração e lazer; um piso superior (piso 2), correspondente às áreas administrativas. Aproveitando a topografia, a

cobertura deste edifício é acessível, permitindo aos seus visitantes usufruir de um miradouro e de uma zona onde poderão apanhar sol, por aconselhamento médico.

b) Unidades hoteleiras

Esta segunda unidade funcional é composta por todas as valências destinadas ao uso hoteleiro. Foi fixada a necessidade de criação de uma série de pequenas habitações independentes, alinhadas com base na topografia do local. Ao longo do desenvolvimento do projecto, também ficou definido que, apesar da sua independência individual, as pequenas habitações ou *bungalows* deveriam manter uma relação próxima entre si, motivando o convívio entre os hóspedes. De forma a conseguir a sustentabilidade ocupacional da estância, definiu-se uma permanência simultânea de cerca de 40 visitantes, através de 10 unidades de tipologia T0, 10 unidades de T1 e 4 unidades de T2. Em todas as habitações, definiu-se um espaço de entrada exterior, e no seu interior optou-se por resguardar os quartos na parte mais recuada do módulo habitacional. Nas zonas de estar, orientadas para a melhor vista, abre-se um grande plano de vidro, com o intuito de diluir a relação entre a natureza exterior e o espaço interior.

c) Percurso termal

Por último, a construção de um percurso termal ao longo das margens do rio Zêzere, pretende criar todas as condições necessárias para a prática das actividades termais.

O percurso termal tem como conceito fundamental o estabelecimento de uma relação entre as duas margens do rio, diluindo o seu efeito de barreira no interior do vale. Ao longo deste percurso, foram posicionados diversos blocos, tais como um ponto de informação, salas de massagens, saunas, salas de banho especializadas por zonas, salas de duches Vichy, salas de hidromassagem, vestiários, instalações sanitárias e um pequeno bar exterior no final do percurso. Todos estes blocos possuem aberturas, permitindo a criação de um forte relação entre o aquista e o espaço natural envolvente.

Paralelamente, são introduzidas uma série de piscinas aliadas aos blocos de massagens e de banhos especializados, que oferecem um variado conjunto de actividades, tais como natação, mobilidade, hidromassagem, convívio e relaxamento. Cada piscina possui também uma sala de máquinas na cave, onde se encontram também os depósitos de limpeza e manutenção da água. Assim sendo e de forma a assegurar a viabilidade deste espaço e da água termal aqui existente, foi criado uma zona de captações no ponto mais alto do Vale do Covão d'Ametade, para que a água termal circule naturalmente. Esta sala máquinas contém dois furos, um horizontal e um vertical com cerca de 200 metros cada, que permitem extrair a água termal do interior da Serra da Estrela.

| Programa termal | | | |
|---|-----------|------------------------|------------------------------|
| | Unidades | Área (m ²) | Área total (m ²) |
| Bloco de recepção - Espaços de serviço | | | |
| Secretariado | 1 | 25 | 25 |
| Gabinete do director clínico | 3 | 15 | 45 |
| Sala de reuniões | 1 | 40 | 40 |
| Arquivo | 1 | 10 | 10 |
| Sala de actos | 1 | 40 | 40 |
| Cozinha | 1 | 25 | 25 |
| Lavandaria | 1 | 16 | 16 |
| Espaços técnicos | 1 | 100 | 100 |
| Arrumos | 1 | 12 | 12 |
| Instalação sanitária | 2 | 20 | 40 |
| Totais relativos | 13 | 303 | 353 |
| Bloco de recepção - Espaços comuns | | | |
| Recepção | 1 | 20 | 20 |
| Sala de espera | 1 | 30 | 30 |
| Restauração | 1 | 68 | 68 |
| Zona de repouso | 1 | 35 | 35 |
| Cafetaria | 1 | 35 | 35 |
| Instalações sanitárias | 2 | 20 | 40 |
| Totais relativos | 7 | 208 | 228 |
| Percurso termal | | | |
| Ponto de informação | 1 | 25 | 25 |
| Vestiários | 2 | 25 | 50 |
| Piscina de natação | 1 | 75 | 75 |
| Sala de massagens | 4 | 9 | 36 |
| Saunas | 2 | 12 | 24 |
| Piscina dinâmica | 1 | 75 | 75 |
| Sala de banhos especializados | 4 | 9 | 36 |
| Duches Vichy | 4 | 9 | 36 |
| Piscina de mobilidade | 1 | 75 | 75 |
| Salas de hidromassagem | 8 | 9 | 72 |
| Piscina de hidromassagem | 1 | 75 | 75 |
| Piscina circular | 1 | 49 | 49 |
| Piscina de alta temperatura | 1 | 70 | 70 |
| Arrumos | 1 | 12 | 12 |
| Bar (esplanada) | 1 | 40 | 40 |
| Totais relativos | 33 | 569 | 750 |

Figura 29 - Programa termal • (Programa elaborado pelo autor, 20014)

4.2.2. Relação com o lugar

A proposta apresentada visa criar um conjunto arquitectónico harmonioso, integrado na paisagem e em consonância com a morfologia do terreno, projetando, através do percurso termal, uma experiência sensorial centrada na contemplação da água e da paisagem. Assim sendo, a estratégia para a implantação do bloco de recepção e para as unidades hoteleiras funciona através de aglomerados que se vão estendendo ao longo do limite oeste do Vale (Figuras 29 e 30). Estes blocos pretendem estabelecer uma relação entre o Vale e a encosta da montanha e, ao mesmo tempo, fazer com que quem os habita, ainda que temporariamente, se sinta seguro, visto que parte de cada unidade hoteleira se encastra na encosta, ficando parcialmente subterrado e funcionando como um refúgio.

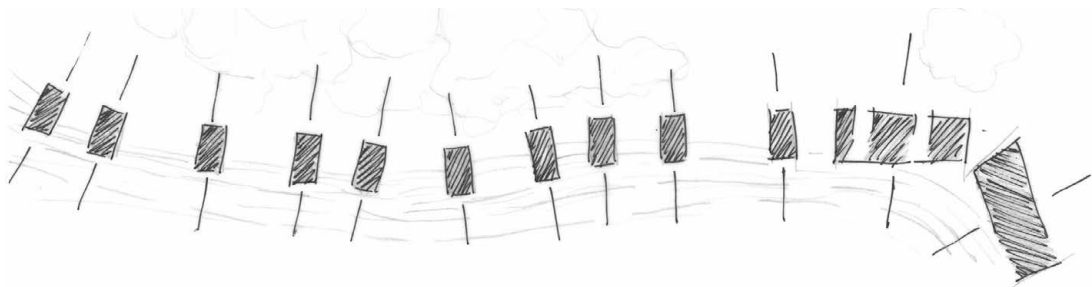


Figura 30 - Esquemas de orientação, Unidades de alojamento • (Esquiços do autor, 2014)

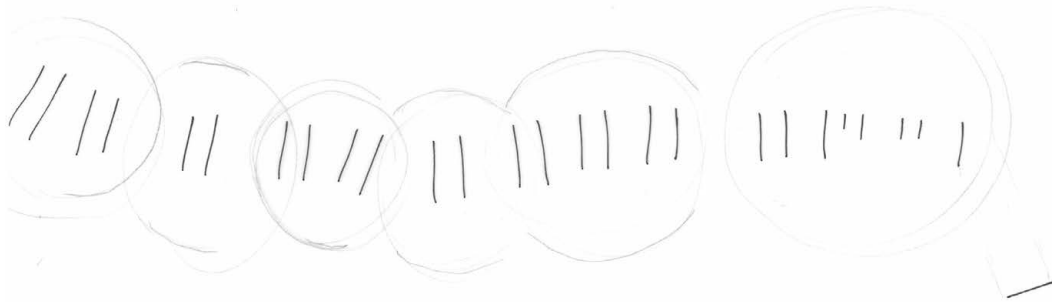


Figura 31 - Agrupamento de elementos, Unidades de alojamento • (Esquiços do autor, 2014)

Em relação ao percurso termal, o conceito baseia-se na mesma estratégia das unidades hoteleiras, consistindo num conjunto de aglomerados (blocos de tratamentos e de apoio) que se vai alongando pelas margens do rio Zêzere. Visto que o rio, na sua forma natural, é um obstáculo físico que divide o Vale em duas partes, o percurso termal vai “cozendo” as duas margens do rio, unificando-as e transformando todo este local num só espaço (Figuras 31 e 32).

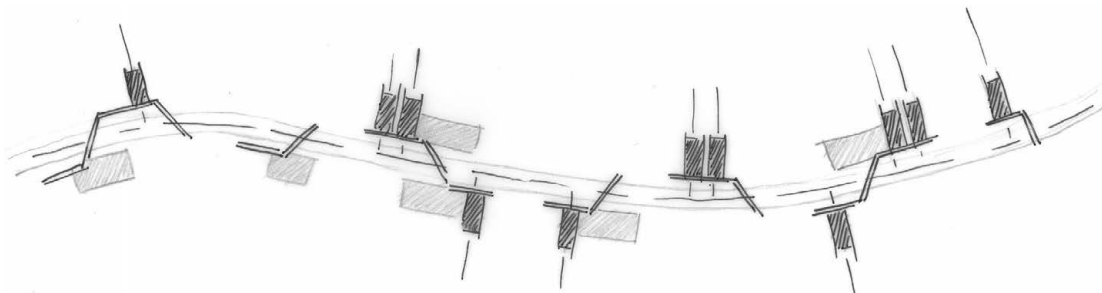


Figura 32 - Esquema de orientação, Percurso termal · (Esquiços do autor, 2014)

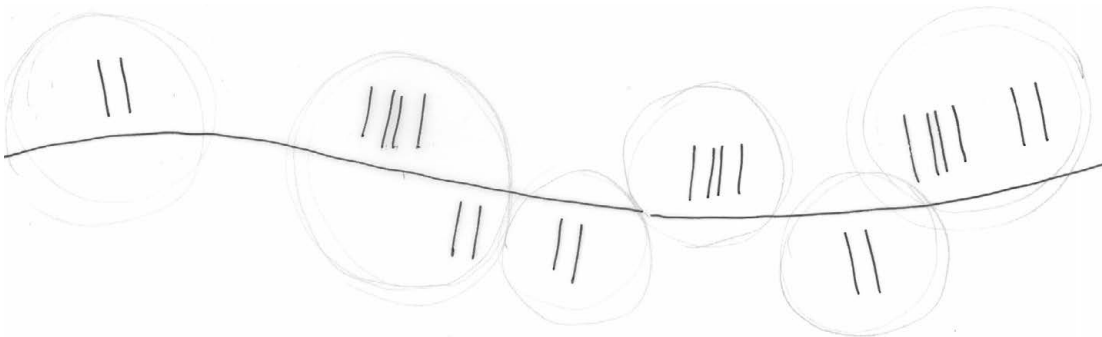


Figura 33 - Agrupamento de elementos, Percurso termal · (Esquiços do autor, 2014)

O alinhamento das unidades de alojamento e do percurso termal ao longo da encosta do Vale, devido à morfologia e à topografia do local, é a resposta estratégica aos problemas de acessibilidade e à conexão das várias partes do terreno.

O acesso à área de intervenção encontra-se actualmente muito degradado, sendo composto por terra batida. Aqui propõe-se uma segunda entrada (para veículos), subterrânea, onde se localizará o parque de estacionamento. Dentro da área de intervenção, perto do acesso ao local, junto ao rio, verifica-se actualmente a existência de uma edificação de apoio ao funcionamento do parque de lazer, a qual, como já se referiu, será demolida.

Sob o plano horizontal do estacionamento, ao longo de trinta e cinco metros de comprimento, pretende-se criar, desde logo, um primeiro ponto de observação do local, a partir da visualização do bloco de recepção, que surge de forma a dar continuidade com o muro do estacionamento. As restantes edificações - as unidades hoteleiras e o percurso pedonal - surgem em torno do edifício de maior envergadura, o bloco de recepções.

Num projeto onde a diversidade funcional é grande e a interação na morfologia do terreno sugere a implantação de edifícios orientados de forma transversal à íngreme encosta, a malha estrutural revelou-se uma ferramenta essencial para a definição dos espaços projetados. Assim, a definição da malha estrutural serviu como base para a elaboração dos três blocos.

4.2.3. Opções construtivas e especificidades do projeto

A materialização da proposta foi idealizada a partir de processos e sistemas construtivos simples, com o objetivo de integrar de uma forma clara e subtil as edificações na paisagem. Assim, optou-se pela utilização do granito, material que pode facilmente ser encontrado nesta região, em todas as estruturas das edificações, de forma a conseguir uma melhor relação das edificações com o envolvente.

Optou-se ainda pela utilização da madeira, aplicada no interior das unidades habitacionais, bem como em alguns dos blocos referentes ao percurso termal (Figura 34).

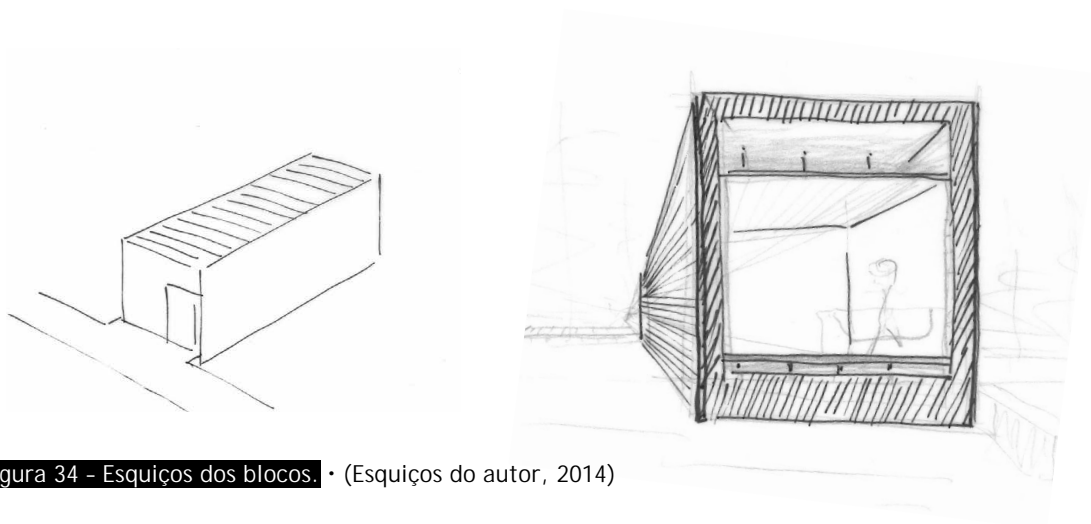


Figura 34 - Esquícios dos blocos. • (Esquícios do autor, 2014)

Relativamente ao percurso pedonal, propõe-se a adopção de um sistema construtivo em madeira. Por se localizar numa zona que sofre várias alterações climáticas ao longo do ano e devido à possível subida do leito do rio, propõe-se a sua elevação através de estacas. De forma a evitar a acumulação de humidade na madeira do percurso pedonal foi colocado, por de baixo do mesmo, o sistema de tubagens que transporta a água termal para as piscinas. Esta água termal é captada numa das zonas mais altas do Vale do Covão d´Ametade, visto que assim não necessita de qualquer equipamento tecnológico para que a água chegue às piscinas. Este aspecto enriquece esta estância a nível ecológico. Na cave de cada piscina existe um reservatório, para que a água termal esteja em constante circulação, de forma a manter as boas qualidades hidrológicas e minerais. Esta circulação é realizada através de um motor.

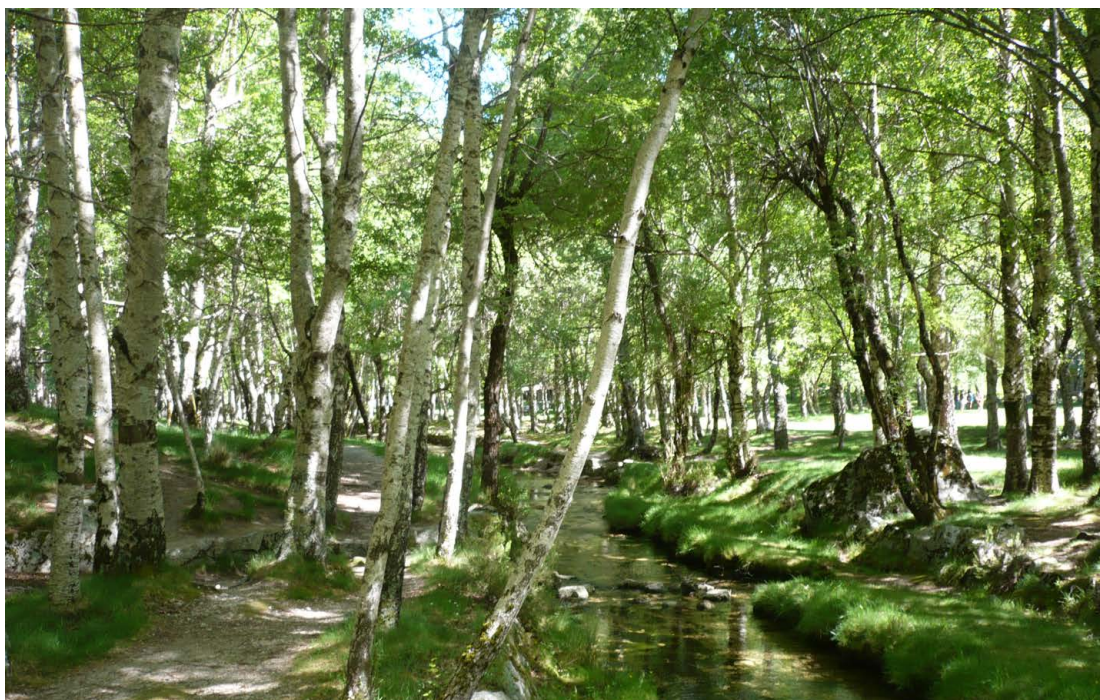


Figura 35 - Rio Zêzere • (Fotografias do autor, 2014)

5. Conclusões

O turismo é hoje um dos sectores da actividade humana mais importantes para o desenvolvimento das sociedades, reconhecendo-se o seu contributo para a evolução moral e intelectual do Homem, bem como o seu papel equilibrador nas balanças socioeconómicas da maior parte dos países. Em Portugal, é claro o esforço dos agentes governativos para a criação de iniciativas turísticas e, em particular, nas zonas menos desenvolvidas do país, como é o caso da região do interior.

As estâncias termais portuguesas, embora se repartam por quase todo o território nacional, dispõem, no entanto, de equipamentos turísticos ainda insuficientes para que permitam a sua transformação num produto turístico que satisfaça, simultaneamente, objetivos estratégicos de desenvolvimento e de promoção nacional e internacional. Porém, para além da enorme difusão que se vem fazendo ao turismo de prevenção, reabilitação e equilíbrio físico, parece igualmente urgente insistir-se fortemente no termalismo tradicional, não se descurando, assim, aspectos cruciais de pendor mais curativo e preventivo.

O termalismo passou a ser considerado como uma actividade turística crucial, na economia do país, quer pela captação de divisas estrangeiras, quer pela necessidade de fortes investimentos em infra-estruturas, acessibilidades, equipamento e valorização do património arquitectónico, ou seja, tornou-se num factor de valorização do produto turístico nacional.

Na fase de definição programática da experiência termal, enfatiza-se a reflexão bipolar entre as questões funcionais e o ambiente do todo e de cada uma das partes que compõe o projeto, realçando assim a sua identidade. As estâncias termais pressupõem assim um conhecimento profundo do lugar, pois as suas características geográficas, sociais, culturais e históricas são determinantes, desde a definição do programa à sua concretização arquitectónica. Do estudo inicial em torno da definição do programa e do reconhecimento e análise do lugar, nascem um conjunto de questões funcionais, formais e estéticas para as quais a reflexão arquitectónica deve apresentar soluções.

A intervenção no Vale do Covão d´Ametade através de um percurso termal e respectivos equipamentos de apoio visa solucionar um variado conjunto de situações. Os principais problemas a solucionar foram essencialmente de cariz funcional, como por exemplo, a ligação entre os diferentes equipamentos do percurso termal, ou a definição da fronteira entre os amplos espaços de uso comum e os ambientes ou áreas privativas, e de cariz geográfico, como por exemplo, o facto de existir apenas um acesso ao terreno.

Na concretização do projecto, a relação com a paisagem revelou-se um factor fundamental, sendo este um ponto essencial nas decisões acerca de aspectos como a abertura dos vãos, ou a utilização de materiais de construção, em conciliação com o espaço natural.

Esta proposta pretende ser impulsionadora do desenvolvimento de toda esta região do interior e por conseguinte, da própria economia do país.

Por fim, na realização deste trabalho vários benefícios foram obtidos, dos quais se destacam um espírito metódico de estudo e análise, e o desenvolvimento de estratégias gráficas de comunicação, que certamente ficarão presentes no método de acção da próxima etapa da vida do autor.

6. Bibliografia

Badaró, R. (2004). *O direito do turismo através da história e sua evolução*. Revista Virtual de Direito do Turismo nº 164, 1-22.

Boyer, M. (2005). *Histoire Générale du Tourisme*. Paris : L´Harmattan

CEC, C. (1988). *Atlas of the geothermal resources in the European*. Bruxelas: Haenel R. & Staroste E.

Cunha, L. (2010). Desenvolvimento do turismo em Portugal: os primórdios, *Fluxos&riscos*, 1, 127-149.

D.L. (1990). Decreto-Lei nº90/90, “Disciplina o regime geral de revelação e aproveitamento dos recursos geológicos”, Diário da República nº63/90, série I-A, de 16 de Março, 9p.

D.L. (2004). Decreto-Lei nº142/2004, “Aprova o regime jurídico da actividade termal”, Diário da República nº136, série I-A, de 11 de Junho, 9p.

Falorca, J. (2008). *Projetar e Construir com Acessibilidade*. Coimbra: Ediliber.

Fernandes, A. (2011). *Proposta de regeneração das termas de Vizela*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Universidade da Beira Interior.

Ferreira, C. (2003). Perfil do Turismo Sénior em Portugal: estruturação e geografia do produto com base na sua procura internacional. Livro de Actas do Seminário *Investigação em Turismo*. Lisboa.

Ferreira Gomes, L. M. (2005). As águas minerais termais. *Desafios sobre as suas aplicações para o futuro*. XV Encontro Nacional do Colégio de Engenharia Geológica e Minas - Ponta Delgada, Ordem dos Engenheiros, pp.187-205.

Ferreira Gomes, L.M.; Machado Saraiva, C.M.; Ramalho Eanes, J.S. e Pissarra Cavaleiro, V.M. (2000). Estudos hidrogeoambientais na zona da Fonte Santa da freguesia de Águas de Penamacor. 5º Congresso da Água. Tema 3 - Águas Subterrâneas, Lisboa APRH, pp. 111-125.

Kastenholz, E. (2002). *The role and marketing implications of destination images on tourist behavior: the case of northern Portugal*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Klimentov, P. (1983). *General hydrogeology*. Moscovo: Mir Publishers.

Gil, B. (2009). *Mobilidade Pedonal no espaço público*. Dissertação de Mestrado. Universidade Técnica de Lisboa.

Goubert, J.P. (1986). *La Conquête de l'Eau*. Paris: Robert Laffont.

Gustavo, N. (2010). *Os novos Espaços de Lazer, Turismo e Saúde em Portugal: O caso dos Spa*.

Tese de doutoramento. Universidade de Coimbra.

Lacerda, R. (2008). *Arquitetura termal portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

Mangorrinha, J. (2000) *O lugar das termas*. Lisboa: Livros horizonte.

Mangorrinha, J. e Pinto, H. (2009). *O desenho das termas - História da arquitetura termal portuguesa*. Lisboa: Direcção Geral de Energia e Geologia.

Mateus, R. (2004). *Novas tecnologias construtivas com vista a sustentabilidade da construção*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho.

Martins, J. (2009). *Arquitetura Termal. Valorização das Termas de Chaves*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Universidade Lusíada.

Moldoveanu, M. (1999). *Ciudades termales en Europa*. Barcelona: Lunweg.

Ochoa, R. (2012). *Cidade e frente de água. Papel articulador do espaço público*. Barcelona: TDX Universidade de Barcelona.

Oliveira, D. (2009). *Arquitetura Termal Portuguesa. Benefícios da sua recuperação*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto.

Pato, M. (2012). *Dinâmicas do Turismo Rural - impactos em termos de desenvolvimento rural*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro.

Pinto, J. (2012) *Museu Termal em Chaves. A água como elemento dinamizador de uma cultura termal*. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusíada.

Ramos, A. (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Tese de doutoramento. Universidade de Aveiro.

Villar, J. (2004). *Termalismo e turismo na Catalunha: um estudo geohistórico contemporâneo*. Tese de Doutoramento. Universidade de Barcelona.

—

<http://www.archdaily.com>
(Broadcasting Architecture Worldwide)

<http://www.termasdeportugal.pt>
(Associação Termas de Portugal)

